This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

VISCONDE NOGUEIRA DA GAMA

MINHAS MEMORIAS

MAGALHÃES & COMP. — EDITORES
23 — Rua da Assembléa — 23
LIVRARIA MODERNA

RIO DE JANEIRO
—
1893

MINHAS MEMORIAS

Gama, Nicolau Antonio Nogueira Valle da Gama, visconde de Nogueira da

VISCONDE NOGUEIRA DA GAMA

MINHAS MEMORIAS

RIO DE JANEIRO
MAGALHÃES & COMP. — EDITORES
23 — Rua da Assembléa — 23
LIVRARIA MODERNA
—
1893

CT688
G27

Papelaria e Typ. "MONT'ALVERNE"—Rua do Ouvidor 82

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRA VIAGEM A' EUROPA EM 1855

PRIMEIRA CARTA.

—:—

Lisbôa, 12 de Maio de 855.

Si avant que de donner sa parole on y pensait, on ne serait pas dans la suite embarrassé à la tenir. (1)

Se a emoção que me dominava, no momento de nos despedirmos, me tivesse permittido lembrar o que ahi fica, á guisa de epigraphe, não me veria eu agora em apuros para cumprir a promessa de remetter-lhe por todos os paquetes o itinerario da nossa viagem; espera-se aqui amanhã o que de Southampton deve seguir para ahi n'esse mez e amanhã mesmo temos de partir para a França; portanto, só me restam horas para reduzir á uma carta o cartapacio de

(1) Não me lembro de quem é esta maxima.

notas que tenho tomado até hoje; mas, o promettido é devido, e, sem mais preambulo passo a cumpril-o:

Creio que estará lembrado de nos ter visto sahir a barra do Rio de Janeiro, a bordo do *Solent*, ás 10 horas da manhã do dia 17 de Março, e, pois, principiarei por dizer-lhe que chegámos á Bahia, ás 5 1/2 da tarde de 21. Na manhã de 22, percorremos de carro a cidade, voltámos para bordo ás duas da tarde, com uma boa panella de *vatapá*, e partimos ás 2 1/2.

Durante o dia 23, avistámos a costa e a capital da provincia das Alagôas, e, na manhã de 24, fundeámos no Lamarão; não desembarcámos, porque o tempo estava máo, o mar agitado, e tememos a volta á tarde, quasi sempre, incommoda e arriscada. Como nós, fez outro tanto a mór parte dos passageiros, e boa resolução foi essa, porque, os que foram á terra, voltaram molhados, e com muita difficuldade conseguiram atracar.

De Pernambuco, como da Bahia, tivemos alguns passageiros, e d'ali partimos, ás 4 1/2 da tarde. A's 8 1|2 da noite de 25, navegavamos costeando a ilha de Fernando de Noronha, e, ás 9 da noite de 26, passamos a Linha.

Intensissimo foi o calor dos dous dias seguintes.

Eram 5 horas da tarde do dia 30, quando avistámos as ilhas do Cabo-Verde, e, ás 9, fundeámos na bahia de S. Vicente, onde tivemos a noticia da morte do imperador da Russia.

Como quasi todos os passageiros, fomos á terra, jantámos em um pessimo e unico intitulado hotel, e reembarcámos, ás 5 horas da tarde. A ilha é inteiramente esteril, coberta de areia e rochedos côr de ferrugem; são, pela mór parte, negros os seus habitantes, em geral pauperrimos, e quasi todos os generos alimenticios lhes vêm de Santo Antão, que é fertil, e a mais proxima das 9 ilhas que constituem aquella provincia de Portugal.

Os rapazes, nossos companheiros de viagem, não perderam o seu tempo: além de outras travessuras proprias da edade, e que a alguns dos quaes, mais *audaciosos*, caro lhes ia custando, alugaram por dous tostões um jumento, tisico de fome, e montados ás vezes dous no pobre animal, corriam pelas praias, até que elle cahisse com a carga.

A's 9 da noite, largamos de S. Vicente; o

tempo tornou-se máo, o vapor, com vento forte pela prôa, jogava a ninguem ter-se em pé, e muito soffreram alguns passageiros, principalmente as senhoras, durante os dous dias subsequentes.

Para que nada faltasse, entenderam os officiaes do paquete que deviam festejar a morte do Autocrata, como se fosse uma victoria alcançada pelas armas dos alliados, e por conseguinte, tivemos de aturar, desde as 6 até depois das 11 horas da noite, a berraria da carraspana. Ainda bem que o dia seguinte era domingo: pudemos socegar, logo que deu meia-noite, e era de ver o recolhimento com que ouviam a leitura do Evangelho (protestante) aquelles que, pouco antes, se regosijavam por ter morrido um homem!

A's 5 horas da tarde de 3 de Abril, avistámos o Pico de Teneriffe, e, pouco depois de meia-noite, fundeámos, contra a cidade de Santa-Cruz, junto á pequena fortaleza d'onde partira a bala de que resultou ao grande Nelson um braço de menos.

Vieram-nos d'ali passageiros; mas ninguem desembarcou, porque dizia-se que pouca demora teria o paquete; entretanto, só largou ás 10 1/2

da manhã do dia 4, por ter de receber vinhos e cochonilha de producção da ilha.

Alli vimos, pela primeira vez, e de perto, caravanas de camelos carregados entrarem na cidade.

Para os passageiros que soffriam do enjôo, foram angustiosos os dias que se seguiram, porque, o mar, a todo momento, lavava o convez do navio, que estalava por todas as juntas, como se estivesse a espedaçar-se, e para minha filha não foram estes os unicos incommodos: appareceram sarampos a bordo, logo que sahimos do Rio de Janeiro, e foi ella a ultima pessoa que os teve. Ainda bem que tinhamos a bordo um distincto medico brazileiro, o nosso amigo Dr. Antonio da Costa.

Chegámos á Madeira ás 3 1/2 horas da tarde do dia 5, e por causa do incommodo da filha, fomos eu e minha mulher dos poucos passageiros que não desembarcaram; mas, estavamos mui proximos de terra, e como a cidade de Funchal estende-se em amphitheatro pela encosta de uma montanha, gozámos perfeitamente da sua perspectiva, que é linda.

Ficava-nos proxima, e sobre uma collina á beira-mar, uma casa de simples apparencia e

isolada, que, mais que tudo, attrahira a nossa attenção : E' a quinta denominada *das Angustias*, onde terminára os seus dias a joven princeza brasileira D. Amelia.

D'ali partimos, ás 6 horas da tarde do dia 6 ; continuou o vento contrario, e chegámos a Lisbôa, ás 10 da manhã do dia 8. A entrada do Tejo não ostenta as soberbas penedias da do Rio de Janeiro ; mas, suas margens cultivadas, seus altivos edificios e suas pittorescas povoações dão-lhe sem duvida um aspecto mais animado e alegre. Contrista, entretanto, ver apenas fundeados em suas aguas, outr'ora tão gloriosas, um pequeno grupo de barcos insignificantes, e pareceu-me ainda mais triste o zelo exagerado, com que, a pretexto de evitar o contrabando do tabaco, são revistados os passageiros pelos respectivos fiscaes. A um d'elles foi tomado um bote de rapé, já em meio, e por conseguinte, de torna viagem, pois que era da propria fabrica da companhia, porque, pelo facto de ter vindo em navio estrangeiro, havia perdido a nacionalidade portugueza !

No dia seguinte, dirigi-me ao palacio das Janellas Verdes, em companhia do nosso ministro

o meu amigo Barão de Itamaracá, e fomos logo recebidos pela Imperatriz ; encontrei em Sua Magestade a mesma antiga affabilidade, posto que sua physionomia transpire o profundo pezar que lhe mina a existencia ; e certo, quão demudada está ella da viçosa e esbelta princeza que no Brazil conhecemos com 18 annos de edade ! Conversámos sobre o Rio de Janeiro, como da infeliz viagem á provincia de Minas, em 1831, e na qual eu e o meu companheiro da Imperial Guarda d'Honra, José Maximiano Baptista Machado, acompanhámos até á fazenda de Medeiros, os Augustos Viajantes.

Poucas idéas conserva a Imperatriz dos pontos da provincia que percorreu. « Estive lá tão pouco tempo, disse-me Sua Magestade, enxugando as lagrimas que lhe corriam pelas faces, e, como sabe, em meio de acontecimentos tão tristes... tenho, depois d'isso, soffrido tanto..., que não admira estar um pouco esquecida d'aquelle bello paiz. »

A Imperatriz, sempre delicada, desabafando-se commigo, na presença do nosso ministro, mal podia encobrir o seu desculpavel resentimento contra os nossos compatriotas, depois do

7 de Abril. Antes de sermos introduzidos, tinha o meu collega Marquez de Rezende, ao serviço da Imperatriz, communicado á Sua Magestade que era eu portador de cartas da Familia Imperial, com recommendação expressa de entregal-as em mão propria. A Imperatriz, já encerrada, não recebia, durante a semana santa; isto não obstante, e *sem exemplo*, disse-me o referido Marquez, recebeu-me e ao nosso ministro, como fica dito, e entreguei-lhe as cartas que lhe eram dirigidas.

Na tarde do mesmo dia, communicou-me o nosso ministro a resposta que solicitára do ministro dos Negocios Estrangeiros, isto é, que El-Rei Regente não podia receber-me, como aliás muito desejava, por achar-se enfermo, e de cama; mas, que, em seu logar, me receberia El-Rei D. Pedro 5.°, no dia seguinte, ás 11 horas da manhã. A essa hora, achei-me no palacio das Necessidades, onde fui recebido pelos ajudantes d'ordens de El-Rei Regente, que ali se achavam com o ministro dos Negocios Estrangeiros, o Mordomo-Mór Duque da Terceira, e outras personagens da Côrte.

Para logo, acompanhado de Archeiros, em

grande uniforme, fui introduzido em uma sala, onde recebeu-me o joven Monarcha. Pareceu-me ver o seu Augusto Tio, quando tinha a mesma edade, cheio de natural modestia, e revelando em toda sua physionomia, tão delicada como sympathica, uma bella intelligencia.

Depois de algumas palavras a respeito da Familia Imperial e do incommodo d'El-Rei Regente, entreguei-lhe a carta que o Imperador me confiára para seu pae. Fallou-se da nossa viagem, do Rio de Janeiro a Lisbôa, e sobre outros assumptos, como o poema *Confederação dos Tamoyos*, do Dr. Gonçalves de Magalhães, e da *Nebulosa*, do Dr. Macedo, que muito têm agradado á Sua Magestade. Ao retirar-me, disse-me El-Rei, carinhosamente : « Espero que não será esta a ultima vez que nos vejamos. »

Até o dia 11, tinhamos já visto uma boa parte da cidade. A's 6 horas da manhã d'esse dia, partimos de carroagem, e ás 10, estavamos em Cintra, onde vimos o Palacio Real, curiosissimo pela sua architectura do tempo dos Mouros, a pequena sala e a cadeira de louça, onde assentou-se o Rei D. Sebastião, quando presidiu ali o conselho em que resolveu a sua infeliz par-

tida para a Africa, o quarto em que esteve preso D. Affonso 6.º, e onde vê-se ainda o ladrilho de azulejo gasto pelos seus pés, defronte de uma unica janella gradeada de ferro, pela qual correspondia-se elle, por signaes convencionados, com um amigo dedicado, e talvez unico, que, às vezes, lhe apparecia do castello mourisco ; a tribuna occulta por sobre o côro da egreja do palacio, á que elle se dirigia por um corredor estreito e muito baixo, para ouvir, sem ser visto, e por entre as grades, a missa dos dias santificados, e o salão onde existem os brazões d'armas da nobiliarchia portugueza, etc.

D'ali nos dirigimos ao alto da Penna, montados em jumentos tão pequeninos, que só o pescoço e a raiz da cauda lhes ficavam livres dos albordões que nos serviam de sellas ; e o mais é que trotavam por ali arriba, instigados pelos gritos *arre burro* dos moços alugadores que nos acompanhavam a pé, fustigando-os com os seus chicotes. Está visto que iamos assim fazendo, homens e senhoras, uma interessante figura.

E' lindo o panorama que se descortina á vista de sobre o rochedo, onde campeia, como um ninho de aguias, o castello mourisco que tem sido

reconstruido, com admiravel gosto, por El-Rei D. Fernando.

A' tarde, voltámos para Lisbôa, e ainda fomos ao theatro de S. Carlos ouvir a Alboni na Somnambula.

Foi o dia 13 empregado em visitas á egreja, e ao convento dos Jeronymos, hoje Asylo de Orphãos, e creio que ambos estes edificios, de estylo gothico, seriam admirados em qualquer parte do mundo. Ali foram-nos vivamente despertadas as saudades da patria pela sorpreza que nos fizéra uma banda de Orphãos cegos, tocando de repente o nosso hymno nacional. E' preciso estar em terra estranha, e longe da que nos deu o berço, para sentirmos o que ahi não sentimos, e a prova é que o nosso companheiro e amigo Dr. Antonio da Costa, que, com sua esposa e filha, tambem ali se achava, depois de ter esgotado a bolsa em favor d'aquelles infelizes lhes teria dado, se a isso nos não oppuzessemos, um magnifico relogio de seu uso.

A' noite, assistimos em S. Carlos o enterro do Trovador, que tinhamos deixado no nosso Provisorio tão cheio de vida e saude ; e certo, doloroso de ver era a crueldade com que foi assassi-

nada pela Cartellan a pobresinha da Leonor, com tanto amor criada ali pela Charton.

Tambem ali assistimos, no dia 14, á representação da Anna Bolena pela Alboni, e não podem levar aqui á paciencia que não estejamos de queixo cahido, ouvindo a cantora que, no seu genero, foi de certo a primeira da Europa; *foi*, propositalmente o dissemos, e por uma rasão bem simples: é que a Alboni, como a Cartellan, já estão um pouco adiantadas em Janeiros; são bananeiras que já deram cachos.

No dia 16, visitámos as obras de Santa Engracia, tão frequentemente nomeadas para comparação das que nunca se acabam, e certo, seria um dos mais bellos templos de Lisbôa, se o concluissem. De sobre o terraço que se estende por cima de suas abobadas, avista-se quasi toda a cidade e algumas povoações visinhas, áquem e além do Tejo.

De egual panorama gozámos do alto do castello de S. Jorge; vimos o Terreiro do Trigo, armazens publicos, onde são depositados e vendidos os cereaes que entram para o mercado; as Fundições do Arsenal, onde nos mostráram em esboço a estatua do Imperador D. Pedro 1.º,

que deve ser collocada sobre a columna, já levantada na praça do seu nome, outr'ora do Rocio, e o molde em gesso da estatua equestre do Terreiro do Paço, a qual recordou-nos este bello improviso do nosso comprovinciano Alvarenga Peixoto, quando, pela primeira vez ali viu-a, voltando formado da Universidade de Coimbra, em viagem para o Brazil :

« Viu Minerva, de um jacto só fundida,
« Com tanta perfeição, a estatua rara,
« Que, pezarosa de faltar-lhe a vida,
« Diligente a animál-a se prepara:
« O fogo ethereo, com a mão erguida,
« Ia infundir-lhe ; mas, assenta, e pára,
« Vendo que ficaria d'esta sorte
« Uma obra immortal sujeita á morte. »

Entre outras capellas da egreja de S. Roque, existe a de S. João Baptista, cujos paineis e ornatos de mosaicos, lapislasuli e prata dourada, com seus riquissimos paramentos, dizem ter custado em Roma 18 milhões de cruzados.

Bom tempo foi esse das riquezas vindas das Indias e das minas auriferas e diamantinas do Brazil, entretanto que nem um *pataco* despendiam com estradas.

Não está estacionario o material da cidade: vêm-se por toda a parte magnificas edificações, assim publicas como particulares, e são já bem raras as ruas e praças que não sejam perfeitamente calçadas, algumas até com luxo, fingindo tapetes pela variedade de pedras de diversas cores, de que abunda o paiz.

A cidade é bem limpa e policiada; mas, sua illuminação a gaz é inferior á do Rio de Janeiro, e a alguns outros respeitos está Lisbôa muito abaixo d'aquella capital; por exemplo: ainda não tem outra agua senão a dos seus antigos chafarizes, alguns bem curiosos como obras d'arte; todo o transporte de cargas pelas ruas é ainda feito, a páo e corda, pelos gallegos, e por carros de bois, de eixo movel, tão toscos e pesados como os dos pontos mais atrazados das nossas provincias.

O mesmo atrazo se observa nas embarcações pequenas que navegam o Tejo, a que chamam *Fragatas*. Não me lembro de ter visto iguaes na bahia do Rio de Janeiro, nem mesmo no tempo dos Perùs dos portos do Pilar e da Estrella.

Excepto as carruagens e coupés de uma companhia, ha pouco estabelecida, não se encontra

um vehiculo da praça, que não seja pelo modelo dos que naturalmente estavam na berra, no tempo do terremoto. . . . .

No dia 13, assistimos ao concerto anniversario da sociedade philarmonica, onde só tocam e cantam amadores.

Só depois do dia 20, achou-se minha filha restabelecida, e puderam as senhoras fazer a sua visita ao paço. Tratou-as El-Rei com a maior delicadeza, e referiu-nos algumas das expressões com que S. M. o Imperador se dignou de honrar-nos na carta de que fui portador, ignorando que o Imperador me havia permittido, sem que eu o pedisse, extrahir-lhe a cópia abaixo transcripta. Apresentou-nos as princezas, com preterição de certas etiquetas, rigorosamente observadas na casa real; tocou em diversos assumptos relativos ao nosso e a este paiz, e disse-me por ultimo que teriamos occasião de conversar mais largamente.

Fôra por demais dizer-lhe a maneira como, n'um mesmo dia, tratou-nos a virtuosa viuva do 1° imperador do Brasil.

Cópia da carta acima referida, começada em Petropolis, e concluida em S. Christovam.

. . . .

Passei a tarde de ante-hontem e o dia de hontem, em S. Christovam, onde fui tratar dos despachos do dia 14, anniversario da Imperatriz, e como não me chegasse o dia para o serviço ordinario dos sabbados, desci na vespera, para depurar e lembrar nomes de agraciados, origem de milhares de descontentamentos alheios e proprios. A's vezes, o prazer que se tem pela remuneração de serviços bem provados, ou satisfação de um amigo, suavisanos a tarefa; mas é raro, principalmente quando a pessoa é como a que te entregará esta carta.

Nicoláu Antonio Nogueira Valle da Gama é veador da Imperatriz, ha alguns annos, e nos tem servido com tanta dedicação, que seria uma injustiça revoltante não me lembrar d'elle para Camarista, devendo haver despachos da Casa.

Não é só por isso que o considero, tenho-o tambem em conta de amigo, e merece-me toda confiança; para elle, não está sempre presente a magestade, e ha muito tempo que me conhece como homem tambem.

Sua senhora, D. Francisca Calmon da Silva Cabral, Dama da Imperatriz, desde o dia da minha maioridade, foi companheira de infancia da mana Rainha, sua esposa, e acompanhou-a, juntamente com sua mãe, a Condessa de Itapagipe, á Inglaterra; é, além d'isso, irman do meu Camarista Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, Marechal de Campo, meu Ajudante d'Ordens, e meu affeiçoado de coração, como o cunhado.

A filha é uma excellente menina, muito bem educada, e o filho matriculou-se este anno no Curso de Direito da Faculdade de S. Paulo, depois de ter bacharelado com distincção no collegio do meu nome: em fim é uma familia muito estimada, e peço-te que os trates como gente de casa, e me dês noticias d'elles.

Vão viajar por divertimento, e felizmente não se demorarão talvez um anno. Pódes conversar com toda franqueza com o Nicoláu a meu respeito, pois sempre encontrarás n'elle a mesma circumspecção e criterio; é intelligente, e fazendeiro nas margens do Rio Preto, provincia do Rio de Janeiro com a de Minas.

Mais poderia eu dizer-te em abono d'elle; mas tu que deves conhecer-me, apreciarás devidamente o que acabo d'escrever; comtudo, permitte-me ainda accrescentar que será para mim um verdadeiro jubilo de amigo o saber que tu o tratas do mesmo modo que eu.

Tambem, n'esse mesmo dia, ouvimos a Cartellan na Gemma de Virgy; era o seu beneficio. Esta artista, de quem já fallei, tem a voz tão estragada como o rosto; isto não obstante, e quiçá por isso mesmo, cahiu em graça ás vetustas fidalgas, mormente a uma respeitavel Duqueza, e não houve honrarias que lhe não fizessem.

Empregámos o dia 24 em ver o palacio d'Ajuda, que é pena não ter sido acabado, não obstante os defeitos do interior, que, certo não corresponde á soberba construcção do edificio.

Perto d'ali fica a egreja da Memoria, que El-Rei D. José 1º mandou edificar no logar em que escapára dos tiros attribuidos á conjuração dos Tavoras e Aveiros.

Em seguida, vimos a bella egreja do convento da Estrella, devida á piedade da rainha D. Maria 1ª, cujos restos mortaes lá existem, e de cujo mausoléo copiei o seguinte epitaphio, ouvindo a voz fanhosa das freiras que rezavam o Officio:

Quem viventem Lusitani videre, posterant, nisi lætitia genti, entes ejus emortue signum quis sine lacrymis aspicere?

Ha ali um jardim publico, denominado da Estrella, a que dera principio o donativo pecuniario do honrado negociante portuguez do Rio de Janeiro, hoje Visconde da Estrella.

D'ali nos dirigimos ao extincto mosteiro dos Benedictinos, onde funccionam as camaras dos Pares e Deputados, que estavam em sessão.

A' noite, fomos a um baile da Duqueza de Palmella; esteve deslumbrante, e o seu palacio é magnifico. Ouvimos que lhe é superior o do Marquez de Vianna, no *Rato*, e que é este cavalheiro que dá aqui os melhores bailes, até porque sendo estranho aos partidos politicos, é a sua casa como que um terreno neutro, onde em taes occasiões se reune o que ha aqui de melhor.

Lá estava, confundida entre as pessoas do seu sexo, a Infanta D. Anna, Duqueza de Loulé, e a seu lado sua cunhada, a digna esposa do legendario Duque da Terceira, em cujo rosto sympathico resumbra a serenidade das virtudes que a fazem uma das mais respeitaveis Damas da Côrte portugueza.

Fomos, no dia 26, a Queluz, caminho de Cintra, a 2 1|2 leguas de Lisbôa. Empregámos o tempo em ver o palacio, que é magnifico, seus jardins, guarnecidos de bellas estatuas de marmore, e uma cascata artificial, de sobre a qual se descobrem lindos campos de trigo, entremeiados de povoações.

São dignas de ver-se as principaes peças do palacio, especialmente as duas salas do throno, destinadas aos cortejos e recepção dos embaixadores. Em uma das suas camaras existe ainda uma cama, no estado em que servira pela ultima vez, e bem mostra a desbotada colcha de setim azul que a cobre, que tem ella testemunhado o volver de mais de vinte annos.

N'aquella camara nascêram D. Pedro 1.º e seus irmãos ; sobre essa cama morreu o inclito pae do Senhor D. Pedro 2.º

Ali vimos, entre outros quadros antigos, um bello colorido, representando o Menino Deus nos braços de S. José ; foi pintado pela Infanta D. Mariana, irmã da Rainha D. Maria 1.ª, que estão retratadas, ainda meninas, nos dous interessantes quadros do nosso conhecimento, que guarnecem uma das salas do pala-

cio de S. Christovam, a denominada das *caixas*.

Só no dia 28 pudemos obter uma licença para visitar os tumulos, onde repousam, em S. Vicente de Fóra, os principes da casa de Bragança, e onde jaz igualmente o primeiro esposo da ultima Rainha de Portugal. Acha-se em Roma o Cardeal Patriarcha, a quem está confiado o real deposito e não só por essa circumstancia como por estarem os sarcophagos em logar provisorio, a ninguem é permittido vêl-os, emquanto não forem trasladados para o magnifico jazigo que se lhes está preparando; e por isso, devidamente apreciámos a excepção que dispensou-nos a auctoridade ecclesiastica que faz ali as vezes de Sua Eminencia.

Eram duas horas da tarde, quando sahimos de S. Vicente de Fóra ; e porque era justo que o dia fosse empregado em visitas de egual natureza, d'ali nos dirigimos ao cemiterio do Alto de S. João.

D'esta morada dos mortos direi apenas que, á vista da sumptuosidade de um grande numero dos seus jazigos, como que a actual geração portugueza pretende ostentar na morte a pompa que os seus maiores ostentáram na vida.

Recolhendo-nos, recebi uma obsequiosa carta do ministro dos Negocios do Reino, acompanhando a Carta Regia, do mesmo dia 28, pela qual El-Rei Regente foi servido agraciar-me com a commenda da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Só no dia 30 pude ir agradecer a mercê, porque, o da vespera era de grande gala, anniversario do em que S. M. I. D. Pedro 4.º decretára e dera a Carta Constitucional da Monarchia Portugueza.

Quando cheguei ao paço, reunia-se o corpo diplomatico para comprimentar o principe e a princeza de Nemours, recem-chegados á Lisbôa. Como sempre, tratou-me El-Rei com a maior affabilidade, e, atalhando as minhas primeiraspalavras de agradecimento, disse-me: «Não vale a pena; foi apenas um pequeno signal do apreço em que o tenho.»

Haverá brevemente um baile no paço, para o qual dignou-se Sua Magestade de convidar-nos pessoalmente, e de uma maneira que em extremo nos penhorou ; mas, o paquete em que tomámos passagem para a França, deve partir antes d'isso e não podemos demorar por mais tempo nossas excursões a outros paizes da Europa.

Entre outras cousas, que não merecem especial menção, temos visto os theatros dramaticos da cidade e sua praça de touros, unico monumento que lhe legára o governo de D. Miguel.

Sinto ter-me faltado tempo para ver Mafra, os mosteiros da Batalha e de Alcobaça, tão ferteis em recordações historicas, e para realisar o meu projectado passeio á Coimbra, e pois, tambem não verei, d'esta vez, as margens do Mondego, a Quinta das Lagrymas, a Fonte dos Amores, tão immortalisada por Camões, e ali o precioso tronco, onde se lê ainda :

«Eu dei sombra á Ignez formosa.»

SEGUNDA CARTA

—:—

Paris, 7 de Junho de 1855.

Escrevi-lhe de Lisboa, a 12 de Maio, e d'ali partimos no dia seguinte, pelas 10 horas da manhã no vapor Francez *Isabelle* ; ás duas da tarde, encontrámos, a demandar o Tejo, o paquete inglez *Solent*, que nos trouxera do Brazil, e que para ali seguia de Southampton; certo, iria elle carregado de saudades nossas, se podesse comprehender-nos.

Chegámos ao Havre, ás 9 da manhã do dia 18 e como tinhamos d'esperar pela maré, afim de seguirmos para Rohan, resolvemos deixar ali o *Isabelle* que muito mal nos havia hospedado.

Tinhamos bom tratamento, e o capitão era um excellente homem ; mas, o *Isabelle*, peque-

nino e esguio, como uma sétta, bem mostrou ser patricio d'estes diabretes, que se encontram, aos milhares, pelas ruas de Paris, sempre aos pulinhos, e julgue, quem conhece esta gente, das travessuras que elle faria, no Golfo de Gasconha, com vento forte pela prôa, e sentindo *par derrière*, os impulsos do parafuzo.

Tanto fez uma noite, que partiu-se uma das duas azas da hélice, e por conseguinte, tornou-se a viagem ainda mais morosa e incommoda. Tenho por sem duvida, que só no Céo, e não nas maravilhas da Europa, haverá compensações para o que soffreram os passageiros, mórmente as senhoras, durante os tres ultimos dias d'essa viagem : uma bella Franceza pediu, de mãos postas, ao capitão que, depois de morta, não consentisse que a lançassem ao mar, pois, horrorisava-lhe a idéa de ter por tumulo o bucho de algum tubarão.

Era eu o unico passageiro que o ajudava a soccorrer os enfermos, porque, nem um só dos outros estava de pé, achando-se toda tripolação occupada nos serviços da manobra e da bomba.

Aproveitei o resto do dia, em visitar a patria de Bernardino de Saint Pierre e de Casimir de

Lavigne, cujas bellas estatuas de bronze contemplei de perto, e o grande numero de navios, e a vida commercial d'aquelle porto da França.

A's 11 horas da manhã de 13, partimos do Havre, pela estrada de ferro, e aqui chegámos, ás 5 da tarde, atravessando, em 6 horas, um espaço de 60 leguas, comprehendidas as paradas nas estações. N'esse espaço, atravessámos, por vezes, o Sena, passámos por debaixo de não sei quantas montanhas, cidades e aldeias, e por cima de outras. Certo, seria o mais commodo meio de viajar, se houvesse menos pressa, quando é fôrça satisfazer necessidades da natureza; apenas, em Rohan, tivemos meia hora para jantar.

Estivemos os primeiros tres dias no Hotel dos Estrangeiros, rua Vivienne n. 3, e mudámo-nos, no dia 28, para o Boulevard des Capucines, n. 25, onde estamos perfeitamente accommodados no 1° andar, com cinco janellas para aquella rua, que é a mais bella rua de Paris.

Por causa da Exposição, está tudo aqui carissimo, e por isso, custa o nosso aposento mil francos por mez. Ordinariamente comemos em casa, e de quando em vez, em algum dos

afamados restaurants de Paris, onde, em abono da verdade, fôrça é confessar, que paga-se muito e come-se muito pouco; mas, que quer? *varietas delectat.*

Uma das primeiras cousas que aqui fiz, foi encarapitar-me no ponto mais alto de uma torre de Notre Dame, e d'ali circular a vista por este mundo de edificios chamado Paris. Causou-me esse prazer um bom susto, porque, em meio, pouco mais ou menos, dos 395 degráos que ali conduzem, ás escuras, dei uma furiosa embigada em um vulto que descia, e que, comquanto nada tenha de supersticioso, cuidei que era a alma penada de Quasimodo; era uma bojuda velha, *concierge* da torre, e, ainda em cima, como que me queria engulir, por lhe ter magoado a pança, como se eu fosse culpado de não ver nas trévas.

D'ali penetrei a vista por todos aquelles beccos sombrios e tortuosos, comprehendidos na ilha, onde existem a magnifica Basiléa e o Palacio da Justiça, e que é o mais antigo bairro d'esta cidade denominado *Cité*, de que tanto falla Eugène Sue, nos seus *Mysterios de Paris.* Percorri-os depois, um por um, até encontrar o n. 3

da rua das Favas, *rue aux Fèves*, e outros em que se passáram, segundo a fertilissima imaginação do autor, as scenas do Rodolpho, da Gueladeira, do Churinada, do Lobishomem, da Coruja, do Mestre-Escola, do Cambeta 8.

Destinarei um dia para visitar com mais vagar todas essas espeluncas, que realmente existem, e tão hediondas, como o romancista as descreve.

Se por lá encontrar alguma das velhas catanas com que os soldados de César cortavam as cabeças dos Gaulezes, primeiros habitantes da outr'óra *Lubecia Parisiorum*, esteja certo de que lh'a levarei de presente para os dias duplices (1).

Não pense que tenho gasto o meu tempo só em ver estas cousas que, estou certo, lhe hão de parecer de muito máo gosto; ha tempo para tudo quando se tem tão boas gambias, como as minhas, quando se encontram *fiacres* por toda parte, e quando ha sol, tudo das 3 horas da manhã até ás 9 1[2 da noite.

Estivemos já em Versalhes, em dia das chamadas *grandes aguas*, e destinaremos outro para visitar o muzeu e o interior do palacio.

---

(1) Um general, meu cunhado e amigo

Chegáram, ha dias, o sympathico, illustrado e virtuoso D. Pedro 5.º, e seu digno irmão D. Luiz, Duque do Porto, os quaes muito obsequiados têm sido pelo imperador dos Francezes, e occupam o bello pavilhão Marçan das Tulherias. Ainda no dia 4 acompanháram o imperador na grande revista da guarnição de Paris, no campo de Marte, constando de trinta mil homens de infantaria e seis mil de cavallaria.

Era um bello espectaculo o que offerecia a grande praça, por onde se estendiam as linhas dos lindos batalhões e regimentos francezes.

O imperador dava a direita ao joven rei de Portugal, a esquerda ao Duque do Porto, e seguiam-nos o estado-maior do imperador e os *cem guardas*, em cavallos magnificos.

A imperatriz, com a sua côrte, occupava uma tribuna no centro da antiga escola militar, e proximo d'essa tribuna, recebêram aquelle monarcha e os principaes seus hospedes a continencia da tropa que por ali desfilou.

Que pena que você não visse o que nunca viu, isto é, como marchavam, na vanguarda das bandas dos seus corpos as elegantes, bonitinhas e garbosas vivandeiras !

Faça idéa de quanto se riria sua irmã, ouvindo-me estas e quejandas lembranças minhas a seu respeito.

Certo, não faltam aqui divertimentos para todos os gostos e condições, e creio que, para os gozos da vida, não ha nada como Paris; mas, é espantosa a ignorancia d'esta gente a respeito do Brasil : geralmente, confundem-no com os estados platinos, e passamos aqui por naturaes d'essas paragens; com bem raras excepções, os mais adiantados nas nossas cousas, sabem apenas que vivemos por ahi algures; e a prova é que, ainda ha bem poucos dias, uma das primeiras notabilidades medicas de Paris, que talvez esteja em dia com o que vai pela China, admirou-se de lhe ter o nosso amigo Dr. Antonio da Costa apresentado uma carta de recommendação do ministro francez no Rio de Janeiro.

Não sabia esse *Mr.* onde era Rio *Janéro*, e, ainda menos, que houvesse ahi uma legação da França.

Ainda bem que teve o nosso compatriota ensejo azado para dar-lhe, como deu-lhe, uma lição mestra de geographia e historia.

Tambem, em um jantar que nos foi dado na

Ville d'Avrai, perguntou-me um outro, aliás bem intelligente, como se explicava o *facto* (disse elle) de ter o imperador acompanhado as preces publicas, que aqui constou que o nosso governo mandára ahi celebrar pela causa da Russia contra as potencias alliadas, e por conseguinte (proseguiu elle) em favor da tyrania e contra a civilisação.

Rindo-me de um tal disparate, dei-lhe a explicação pedida, isto é, que as preces, de que o meu interlocutor me fallava, são as que ahi se fizeram por occasião da invasão da febre amarella.

A' vista d'estas e outras, está me parecendo que, salvas pouquissimas honrosas excepções, não ha dinheiro mais esperdiçado do que o que o Brasil dispende com os seus diplomatas.

Logo que cá se pilham, esquecem a patria, a nossa lingua e até os nomes que receberam na Pia : nenhum d'elles é mais José, Manoel, nem Antonio ; mas, *Le Chevalier*, ou *Le commandeur* de tal, *attaché* a isto ou aquillo ; em summa *attaché* á boa vida...

Presentemente, acham-se aqui muitos Brasileiros, pela mór parte, das provincias do norte.

Para encontral-os, sempre em grupos, basta um passeio pelos Boulevards, Campos Elyseos, e Palais Royal.

Não ha presentemente companhia lyrica italiana ; mas, temos frequentado os theatros lyricos e dramaticos francezes, onde representam Ristori e outros, e notabilidades ; e, a julgar por elles, os nossos cantores do *Provisorio* estão muito acima do que ahi se pensa ; deixe pois fallar os que d'aqui vão com as cabeças cheias de caraminholas.

Tenho ainda de escrever outras cartas, posto que pequenas, mas que com esta devem de ser, hoje mesmo, entregues na *poste* ; portanto, termino aqui por esta vez. Adeus.

TERCEIRA CARTA

—:—

Paris, 6 de Julho de 1855.

D'aqui lhe escrevi, á 7 de Junho, e, logo depois, dei um pulo á Londres, por Boulogne e Falkstone, e voltei por Dover e Calais. Pouco pósso dizer-lhe d'aquella cidade, porque só tive tempo para percorrer algumas das suas ruas, atravessar 3 das suas pontes sobre o Tamisa, e fazer uma longinqua idéa da incommensuravel capital da Inglaterra ; pois levára-me ali um fim unico : receber dos Srs. Kenolos e Forter um pouco d'aquillo com que se compram os melões.

Como sóe acontecer a todos que, pela primeira vez, visitam Londres, achei-a triste, não obs-

tante o bulicio dos seus doze milhões e trezentos mil habitantes.

Sei que não consiste Londres no que apenas vi ; mas, quem em 12 ou 14 horas deixou Paris, atravessando os lindos campos que se encontram por qualquer das linhas ferreas que segue, e entra de repente, sob uma atmosphera enfumaçada n'esse labyrintho de ruas, formadas de paredes monotonas de tijolos ennegrecidos, não póde deixar de sentir, como eu senti, uma desagradavel impressão.

Vi alguns dos seus templos, inclusive a egreja de S. Paulo, algumas torres, columnas, estatuas e outras edificios que podem rivalisar com o que ha aqui no mesmo genero ; mas, tudo negro, e o palacio da rainha, como a alameda que alli conduz, estão a perder de vista de Versalhes e das Tulherias ; isto dito, deixemos Londres e o palacio de chrystal para quando voltarmos d'Allemanha e da Italia, se Deus não mandar o contrario.

Confesso-lhe que me está custando sahir d'aqui ; a principio, levantava-me muito cêdo, e andava desde pela manhã até á noite ; agóra é que eu começava de entrar na vida de Paris,

e a tomar-lhe o gosto, deitando-me, as mais das vezes, ao amanhecer (amanhece ás 3 1/2), e levantando-me entre as 10 e as 11. E tudo isto vai ser brevemente deixado pelas malditas pressas das estradas de ferro, em viagens tão longas e de tantas reviravoltas! mas, não ha remedio senão, por algum tempo, dizer adeus á Paris, ao seu palacio da industria, onde, infelizmente, só não figura o Brasil, e aos seus encantadores arrabaldes, a saber: Versalhes, e tudo quanto ali existe, inclusive o *Grand* e o *Petit Trianon*, onde a rainha Maria Antonieta se divertia com suas Damas fazendo queijos; *Saint Cloud*, *Saint Germain*, e o casebre onde morou João Jacques Rousseau; *Saint Denis*, com a sua egreja e galerias subterraneas, onde jazem os reis que têm reinado na França; *Argenteuil*, cuja abbadia foi, outr'ora, o convento onde a pobresinha da Heloise tanto chorou o seu estremecido Abeilard; a celebre fabrica de porcellana de *Sèvres*; *Neuilly*, *Auteuil*, *Marly*, *Macon*, *Saint Cyr*, onde rezei por alma de Mme. de Maintenon; *Surresne*, *Vincennes* e as celebres prisões do seu castello; *Nanterre*, *Boulogne*, *Ruel*, *Asnières*, *Fontainebleau* e outras de cujos nomes não

me lembro agóra. Em *Saint Germain* subimos pela *Machina atmospherica*, que é de certo uma cousa maravilhosa, por signal que, por mais que m'a explicassem, não entendi patavina.

Ali visitámos o antigo palacio, hoje, prisão militar, e que estão preparando para uso do imperador. Lá estavam engaiolados uns quinhentos e tantos, e pósso asseverar-lhe que não foi pelo que eu fiz.

Ali subimos e descemos por uma escadinha occulta, de que se servia o tafulão do Luiz IV para ir ter ao quarto de dormir de *Mlle. de la Vallière*, e estive á uma janella d'esse quarto, onde ella naturalmente tomava o fresco, e gozava de uma vista lindissima.

Fomos d'ali visitar, em um sitio não menos encantador, o pequeno *chateau* que Alexandre Dumas construiu, com admiravel gosto, para sua residencia, e que hoje pertence (valha a verdade) a uma Condessa que, quiçá, figura em algum dos seus romances.

Um pouco ácima, e na encosta da mesma collina, que olha para as margens do Sêna, existe a sua antiga residencia, mettida em um bosquezinho, comprehendido em uma ilhota artificial,

denominada *Ilha de Monte Christo*, onde disseram-nos que elle escrevera o seu bello romance.

E' um torreãozinho de architectura arabe, cousa mais poetica que imaginar se póde. Em suas paredes exteriores, guarnecidas de pedrinhas de diversas côres, li os titulos de todos os seus escriptos, esculpidos em pequenas lapidas alli encrustadas ; é curioso de ver como em um tão pequeno espaço ha tantos arranjos, cada qual mais digno da imaginação que lhe conhecemos.

Foi enorme a enchente do baile que a cidade de Paris deu ao joven rei de Portugal, nos magnificos salões do Hotel de Ville. Que tafularia ! mas tambem, que ratazana, meu Deus ! Não me lembro de ter visto *toilettes* tão ordinarias, já não digo, nos bailes do paço, e do visconde de Mirity, nas festas da Gloria ; mas em outros de inferior categoria, como os do brigadeiro Pacca, do conselheiro Nabuco, do Pinheiro, etc.

Dias depois, recebemos uma carta do *Grand Chambellan*, convidando por ordem do imperador *madame la Comtesse de Nogueira e mr. Vasco da Gama* para uma *soirée* no paço das Tulherias.

Que lhe parece! minha mulher condessa de Nogueira, e eu Vasco da Gama! Está visto que lá não fomos, até porque podiam perguntar-me se era eu o mesmo individuo, ou, pelo menos, descendente do grande descobridor das Indias. Não acredita? pois ouça: Os jornaes que publicaram os nomes das pessoas *notables* que, durante a semana, tinham chegado a Paris, dizem entre outras: *mr. Vasco da Gama, Chambellan de Sa Magesté l'Empereur du Brésil, et mr. da Costa, Chargé d'Affaires.*

Note que o nosso amigo e companheiro de viagem, Dr. Antonio da Costa, era encarregado de despachos, isto é, *chargé de dépêches*, do nosso ministro em Lisbôa. Ora, que o encarregado das publicações confundisse os nomes e os titulos constantes dos passaportes, fazendo de Valle da Gama, Vasco da Gama, de *chargé de dépêches, chargé d'Affaires*, bem; mas onde foi elle buscar o titulo de *Comtesse de Nogueira* para minha mulher? *Inveni tandem.* O nosso ministro, cavalheiro José Marques Lisbôa, que muito nos tem obsequiado, disse-nos que, conversando no paço a nosso respeito, declarára que minha mulher era filha da Sra. Condessa de

Itapagipe, ambas *Dames d'Honneur* da Imperatriz, e d'ahi nasceu a embrulhada da publicação.

O imperador anda por toda a parte, simplesmente vestido, a pé ou a cavallo, ou governando o seu carrinho, ás vezes só, outras vezes com sua graciosa e sympathica esposa, e sempre sem guarda; mas, quem estiver prevenido, hade ver de cada lado 3 ou 4 rapagões de *blusas*, andando tão naturalmente como sóe andar esta gente nos seus serviços. Assim se explica como o tal Italiano da pistola achou-se filado no momento de commetter o seu attentado nos Campos Elysios.

Muito tenho a dizer-lhe; mas estou estafadissimo, a tarde está linda e os *boulevards* convidam a um passeio; para elles deita a janella, junto da qual tenho estado, desde que amanheceu, a escrever esta longa carta, parando apenas uma vez para almoçar, e, de quando em vez para estender o pescoço, e espiar por uma fresta a tafularia que por ahi vai. E ainda ha ahi quem mande seus filhos, entregues a si, ou a um correspondente, para se educarem em Paris! E' por isso que, com ra-

rissimas excepções, vão d'aqui bem educados... Em Londres ainda é peior, ou melhor, confórme os gostos.

Pelo seguinte paquete escrever-lhe-hei de Vienna. Adeus.

QUARTA CARTA

—:—

Vienna d'Austria, 31 de Julho de 1855.

Partimos de Paris, ás 10 horas da manhã do dia 18 do corrente mez, pela estrada de ferro por Valenciene, e chegámos á Bruxellas, ás 8 1/2 da tarde (370 kilometros).

Se não fosse a exigencia dos passaportes em *Quievrai* ponto limitrophe dos dous paizes, ninguem daria pela passagem de um para outro territorio, porque nenhuma differença se nota na lingua, nas vias-ferreas, e nos nucleos de transporte entre as capitaes da França e da Belgica.

E' bella a parte nova da cidade, pois, em geral, consta ella de ruas bem largas; bons edificios, bonitos jardins e passeios publicos ; mas, não pude saber onde se mettem os seus cento e

tantos mil habitantes, porque excepto as principaes ruas commerciaes, bem se podem chamar as outras do *lá vem um* ; tal qual a da sua residencia, rua de Santa Thereza, defronte do becco do Imperio.

Visitámos algumas das suas egrejas, entre as quaes distingue-se a cathedral, construida durante o dominio dos hespanhoes, o hotel de ville onde o que ha presentemente de mais notavel é a sala em que teve logar o acto da abdicação de Carlos 5.°, o palacio da residencia do rei, a camara dos senadores, dos representantes e suas bibliothecas, o jardim zoologico, o botanico, e outro pertencente á uma sociedade que se diz de nobres.

Só pudemos ver por fóra o palacio do duque de Brabante, que tambem não dá grande idéa do que ha por dentro, e terminámos a festa com uma visita ao tumulo da Malibran.

A's 10 horas da manhã do dia 20, partimos para *Aix-la-Chapelle*, onde chegámos, ás 3 da tarde (110 kilometros).

Empregámos o resto do dia em vêr a cidade, que é bem feia, excepto algumas ruas de moderna construcção.

Dos poucos monumentos antigos que ali existem, visitámos, no dia seguinte, a cathedral e algumas outras egrejas. Vimos na primeira o tumulo de Carlos Magno, alguns dos seus ossos e as chamadas *pequenas reliquias*, porque as *grandes* só são visiveis por occasião da festa de Corpus Christi, ou quando o visitante é *testa coroada*. São estas os cabellos da Santa Virgem, o vestido que ella trazia quando nasceu Jesus-Christo, as mantinhas que o envolvêram na manjedoura, o panno sobre que foi decapitado S. João Baptista, e a téla que cingira os rins do Salvador na Cruz.

As pequenas, que nos mostráram, são o cinto de couro de Jesus-Christo, cujas extremidades (do cinto) foram selladas por Carlos Magno, uma das cordas com que foi atado á Cruz, o lenço que lhe cobria o rosto, um fragmento de um dos pregos com que foi pregado, um pedacinho da esponja que servira para matar-lhe a sêde, uma lasquinha de uma das varas com que foi açoutado, um cinto da Santa Virgem, o braço de Santo Anastacio, o de S. Simeão, sobre que este conduzia o Menino Jesus, o sangue de Santo Estevam, este grande Santo, de quem diz a Es-

criptura : *Stephanus si non orasset, Petrus ecclesiam non haberet;* um annel da cadêa de S. Pedro, os cabellos de S. João Baptista, e um pedacinho da vara de Arão.

Que lhe parece tudo isso ?... Tambem ali vimos a cadeira de marmore branco, em que Carlos Magno esteve assentado 356 annos dentro do seu tumulo, de 816 a 1166.

Mal pensava eu, quando menino, que ainda havia de vêr o craneo e uma canella do grande homem, cujas façanhas contra os Mouros infieis enthusiasmáram-me tanto, que, todos os dias, depois de minha lição de primeiras lettras, dada ao Padre José Ferreira da Silva, capellão de meu pae, sahia com uma espadinha de páo, feita pelo carpinteiro Laudegario, marido da minha bôa ama Eufrazia (a babá), e, como Ferrabraz, ia levando de vencida o grande exercito de patos e marrecos que povoavam o terreiro da fazenda de S. Matheus.

Visitámos por ultimo algumas das fontes thermaes de *Aix la Chapelle*, como um dos seus estabelecimentos de banhos, e, á uma hora da tarde, partimos para Colonia, onde chegámos logo depois das tres (71 kilometros).

Percorremos a patria de Agrippina, de S. Bruno e Rubens, tão feia como *Aix la Chapelle*, excepto algumas ruas que bordam o Rheno.

Bem pouco ha ali que interesse o viajante, excepção feita da cathedral, e a prova é que uma das primeiras cousas que nos levaram a vêr, foi a antiga fabrica da cheirosa agua que tem o nome do logar.

A's 6 1/2 da manhã de 22, partimos para o Hannover, onde chegámos ás duas horas da tarde (43 kilometros).

A parte nova da cidade contêm optimos edificios e bellas ruas; mas, a velha faz-lhe um perfeito contraste.

E' cégo o velho rei do paiz, e pois, como poderá elle vêr o que por ali vai, se os que têm bôa vista não pódem ver tudo?

Tambem nós mal pudemos vêr o que por ali vai, porque, além de chover todo o dia, estavamos menos ali que em S. Paulo; e por uma razão bem simples e naturalissima: Nesse dia, fazia ali 16 annos de edade um academico, e esse academico era o meu Juca.

Partimos do Hannover, ás 6 1/2 da manhã de 23, e pouco depois de uma hora da tarde, che-

gâmos á Harburgo; tomámos ali um omnibus, atravessámos o Elba em uma das suas barcas de passagem, e, ás duas, estavamos em Hamburgo (22 kilometros, 9/10).

Percorremos a cidade, tão conhecida pela sua importancia commercial; mas, estava eu mettido em bôas, se me mettesse a dar-lhes noticias d'essa infinidade de *bergs* e *burgs* que, á cada passo, se encontra, desde que se põe pé n'estas terras; e pois, contente-se com um simples itinerario e uma reflexãozinha de vez em quando.

Para começar, dir-lhe-ei que é preciso vêr os prodigios que as estradas de ferro têm realisado n'esses paizes, sem excepção dos pontos menos favorecidos pela natureza, para calcular-se as vantagens que d'ellas resultariam ao Brazil. Nem por aqui admittem que seja civilizado um paiz que ainda não tem estradas de ferro e, sobre tudo, que ainda tem escravos. Ah! se os meus votos tivessem a virtude que lhes eu desejo, de ha muito estariam resolvidos os dous problemas, até para gloria do reinado do Sr. D. Pedro 2°.

Ainda bem que viu elle, como você e tantos outros, a maneira como são tratados os que possùo

na minha fazenda da Independencia, durante os seis dias que honrou-nos com sua augusta presença, em Fevereiro de 1848.

Partimos de Hamburgo, ás 6 horas da manhã de 24, e chegámos a Berlim, ás 4 da tarde (38 milhas).

No dia seguinte percorremos a cidade, e visitámos o palacio real, cujo exterior nada tem de notavel, mas, cujo interior pode rivalisar com o do hotel de ville de Pariz; o bello theatro *novo*, o muzeu, a real fabrica de porcellana e o mausoléo de Frederico Guilherme 3.º e da rainha Luiza sua esposa, em Charlottembourg.

A 26, fomos pela estrada de ferro á Postdam (3 1/2 milhas), onde visitámos o palacio do principe da Prussia, denominado de *marmore*, aliás de tijolo; o palacio *novo*, a *Aldea Russa*, e tudo o que ali ha de mais notavel, sendo mais as vozes dos que as nozes.

Certo, é Berlim uma grande e bonita cidade; mas, em Bruxellas não pude saber onde se mettem os moradores das suas quinhentas e tantas grandes ruas e quarenta praças, porque, á excepção de um arremedo dos boulevards de Paris, onde era o nosso hotel, *Saint Petersbourg*

hotel, e onde, ás horas do passeio via-se gente limpa, não se encontra senão a baixa classe allemã, insupportavel pelas exhalações dos seus cachimbos.

Partimos de Berlim, ás 7 horas da manhã de 27 e ao meio dia, chegámos á Dresde. Aproveitámos 4 horas de demora que tivemos, para dar uma corrida de carro pela cidade, e chegámos a Praga, ás 9 da noite.

E' bem agradavel a viagem entre Dresde e Praga, porque, n'um espaço de 25 milhas allemãs, ou 50 leguas francezas, beira-se sempre o Elba, cujas margens são pittorescas e povoadas, e é de todos os pontos da Europa que, até aqui, temos visto, o que mais se assimelha á natureza do nosso paiz, principalmente, ás margens do Rio Verde e do Sapucahy, da provincia de Minas.

Visitámos, no dia seguinte, a parte visivel do palacio imperial, a cathedral, e ali o riquissimo tumulo de prata de S. João Nepomuceno; passámos a ponte pensil sobre o Moldan, e tambem a de pedra, onde vimos o logar d'onde o mesmo Santo foi lançado ao rio, depois de martyrisado, por não ter querido revellar ao rei Venceslão 4.º

os peccadinhos da rainha sua esposa. Que digno confessor, e que *firma* de rei!

Percorremos toda a cidade, inclusive a denominada *dos Judeus*, que é curiosissima pela architectura de suas casas, exclusivamente habitadas pelos 15 mil Judeus que existem n'aquella cidade.

Tambem ali vimos a mais antiga das 8 synagogas, denominada *Altemchule*; a primeira que existio na Bohemia. E' uma espelunca, meio subterranea, que já o foi inteiramente, no tempo da perseguição d'aquella gente, tão negra por fóra como por dentro, e que é assim conservada, para que não perca o merecimento d' antiguidade.

A parte da synagoga, destinada ás mulheres, é separada do resto do templo por uma grande parede, na qual, de distancia em distancia, ha uma estreita abertura, á guisa de séteiras, por onde as pessoas d'aquelle sexo só podem avistar o Rabbino.

Não pude resistir á tentação de assentar-me um momento na cadeira do tal Rabbino; mas, tive logo de arrepender-me, porque, não obstante o disfarce com que o fiz, um dos taes sectarios

da lei de Moysés, especie de sachristão de longa barba e sotaina, que nos acompanhava, resvalou-me uma olhada, como se quizesse engulir-me. Ainda bem que, em compensação da tal carantonha, vimos umas Judias bem bonitinhas.

D'ali partimos, ás 3 horas da tarde, e ás 9, estavamos em Olmutz (33 milhas), onde bem a meu pezar, não pude ir vêr o campo da batalha de Austerlitz, que dista da cidade 9 milhas, e não ha para ali via-ferrea.

A's 12 horas do dia 21, seguimos viagem, e aqui chegámos, ás 7 1/2 da tarde (28 milhas).

Das cidades d'Allemanha que temos visto, é a que mais me tem agradado: suas ruas são no geral estreitas; mas, sempre cheias e animadas, seus edificios, se não são melhores que os de Berlim, são pelo menos de uma architectura mais variegada, e por conseguinte, mais agradavel á vista. Ao demais ha aqui bonitas lojas e bellos cafés que, pelo menos fazem lembrar Paris.

Temos visto a Cathedral de Santo Estevam, o jazigo da familia imperial, o museu de Belve-

dere, etc. Seguimos depois d'amanhã, para Veneza, e vou concluir esta, para ser entregue no correio, hoje mesmo, afim de seguir para Paris, a tempo de alcançar o paquete que deve largar de Southampton á 9 do proximo mez. De Veneza voltaremos por aqui para Paris, e d'ali seguiremos por Marselha para Roma e Napoles. Adeus.

QUINTA CARTA

—:—

Paris, 28 de Agosto de 1855.

Da nossa corrida pela Allemanha dei-lhe noticia até Vïenna, em data de 31 de Julho. D'ahi seguimos, ás 7 horas da manhã do dia 2 do corrente, e chegámos a Laybach, ás 8 1/2 da noite (55 milhas e 7 oitavos).

A' vista das difficuldades vencidas em todo o espaço, para a construcção da estrada, atravez de montanhas e rochedos, não me resta a menor duvida de que, em todo o nosso paiz, sejam mui praticaveis as estradas de ferro. Não está ainda concluida a que deve ligar Laybach á Trieste, e por isso, tivemos de fazer, no dia seguinte, esse trajecto em carruagem (16 1[2 milhas).

Foram 13 horas bem incommodas, porque, além de termos tido um dia de calor tão intenso como só me lembro de ter soffrido em Iguassú e em Santos, eramos suffocados por uma nuvem de pó de pedra calcarea, de que é coberto o paiz, e macadamisada a estrada.

No dia 4, atravessámos o Adriatico, e chegámos á Veneza á uma hora da tarde. Note-se que só a bordo e em meia viagem, soubemos que havia quasi dous mezes, reinava o cholera em Trieste, morrendo diariamente de 50 a 60 pessôas, não obstante, estar já reduzida a população da cidade, pois, até aquelle dia, tinham-se já d'ali retirado cêrca de 40 mil individuos.

Veja que noticia para quem tinha dormido ali noite tão socegada, e, sobre tudo, para quem como nós, tinha de voltar por ali! mas, quem, terá medo, mesmo do cholera-morbus, quando entra o porto de Lids, e avista o lago onde existem as setenta e tantas ilhotas que constituem a cidade tão querida dos poetas? Quizera eu ter tido tempo para percorrer, um por um, os seus quatrocentos canaes, as suas quatrocentas e cincoenta pontes, e grande numero dos seus palacios de marmore, testemunhas silenciosas da

passada grandeza de um povo, que não possue hoje nem a sua nacionalidade! mas, força foi contentar-me com o que ha ali de mais notavel, sendo que, na mesma noite da chegada, matámos as saudades da opera lyrica italiana, ouvindo, pela primeira vez, o Propheta, por uma optima e numerosa companhia, no theatro *La Fenice*, um dos mais bellos que temos visto na Europa.

Do mais que ali vimos, mencionarei apenas— a praça de S. Marcos, a basilica do mesmo santo e o palacio dos Doges, que são dos primores de Veneza os que passam por não terem rivaes no seu genero. Visitámos n'esse palacio, além dos logares onde se passaram factos historicos mais ou menos notaveis, como o em que teve logar a execução de Marino Faliero, a sala do conselho dos 10 e a dos 3, os horriveis carceres da Inquisição, os logares onde se applicavam as torturas, cujas machinas ainda existem, o das execuções, sobre cujo pavimento está o cano por onde corria o sangue das victimas, e a celebre ponte secreta, denominada *dos Suspiros*, que communica os referidos carceres com as *prisões civis*, separadas do palacio ducal por um dos canaes da cidade.

Pareceu-me Veneza capaz de dar alma a quem não a tiver; talvez por isso, é raro encontrar-se ali uma physionomia antipathica, e entre os venezianos não é rara a belleza. Não admira pois, que com pezar a deixássemos na manhã do dia 7, depois de lhe dirigirmos por ultimo adeus estas palavras de Byron: «*Venice! If y a nothern wanderor weep for thee whas shuld theysons do?*»

«Veneza, se eu, peregrino do Norte, estou chorando, o que devem fazer os teus filhos?»

Por causa das duvidas, bom será dizer-lhe que não fui eu quem chorou, foi o Byron.

Desembarcámos em Trieste á uma hora da tarde, e já não existia o commissionario que se encarregára de fazer visar o meu passaporte: tinha morrido de um ataque fulminante de cholera, poucos momentos depois de prestar-me esse serviço.

A's 3 horas, partimos na diligencia, e chegámos á Laybach, ás duas da manhã do dia seguinte; pouco depois, seguimos pela estrada de ferro, e, ás 6 da tarde, entravamos, pela segunda vez, na aristocratica capital do imperio d'Austria, ainda mal acreditando que mais de cem leguas nos afastavam do cholera.

Pelas 7 horas da manhã do dia 10, sahimos de Vienna, em barco de vapor pelo Danubio abaixo. Durante a noite, interrompeu-se a viagem por causa do nevoeiro, e chegámos á Lintz, ás 8 horas da manhã do dia 11 (24 milhas.)

Ahi mudámos de vapor, e chegámos á Panan ás 7 da tarde (22 milhas.)

D'este porto seguimos no dia 12, pelas 6 horas da manhã, e chegámos á Ratisbona, ás 7 da tarde (32 milhas.)

Dormimos em Ratisbona, d'onde partimos, ás 4 da manhã do dia 13, e chegámos á Dananhort, ás 7 da tarde (32 milhas.)

Em Dananhort tomámos a estrada de ferro por Angosbourg, e chegámos á Munich, ás 11da noite (16 milhas 3/4.)

Mal pudemos ver de relance as cidades de menor importancia que bordam o Danubio no espaço que percorremos, de cento e quatro milhas allemãs, ou 208 leguas francezas, entre Vienna e Dananhort; e pois, contentei-me com lêr o que d'ellas dizem os *Guias* dos viajantes, que por toda a parte se encontram na Europa.

Esta leitura, a das legendas dos castellos velhos, que cercam alguns rochedos das margens do Danubio, e uma ou outra de suas paizagens, mais ou menos agradavel á vista, foram-nos os unicos prazeres d'essa viagem, que, certo não compensou o máo commodo dos vapores d'aquella carreira, a enfadonha galrolice dos viajantes allemães, e sobre tudo, o martyrio dos seus cachimbos.

Em Munich, visitámos a egreja de S. Bonifacio, o palacio da residencia do rei, e o do ex-rei, seu pae, a Real Bibliotheca, a Pinacotheca, a Clyptotheca, a Nova Pinacotheca, e não me lembro se mais alguma cousa em théca.

O que ali vimos de mais curioso para quem, como nós, estava já enfadado de vêr margens, foi o porteiro d'aquelle estabelecimento:

E' um homemzinho de 7 1|2 pés, ou 11 palmos de altura, naturalmente, com tudo mais em proporção.

Em duas salas do palacio da residencia, vimos uma interessante collecção de retratos de bellezas germanicas, campeando entre elles o da celebre hespanhola Lola Montez.

Certo, teve razão o rei Luiz em dizer-lhe:

Vie de ma vie, je suis à toi, je suis ton es-

clave; je trouvais en toi ce que je n'ai jamais trouvé en personne; tous les sentiments que d'autres que toi m'avaient inspiré sont éteints, car, mes yeux lisent dans les tiens —amour !

Sympathisei com o coração do principe poeta, como já tinha sympathisado com a sua physionomia, com a simplicidade e gosto do seu retiro; mas, não me pareceu bonito que o actual rei, vivendo ainda seu pae, consinta que, na sua propria residencia, esteja exposta á mordacidade publica o retrato da mulher que elle tanto extremecêra, por quem tudo sacrificára, e a quem chamava — *Minha Lolita.*

No dia 15, partimos da capital da Baviera, estrada de ferro por Angsbourg, Ulm, Stuttegar, Buchat e Kell (66 milhas 8 1/10).

Ali tomámos um omnibus, atravessámos o Rheno, e chegámos á Strausbourg, ás 11 horas da noite (6 kilometros). Demos, pela manhã, uma corrida de carro pela cidade; visitámos a sua magnifica cathedral, como o seu celebre relogio, e á uma hora da tarde, partimos pela estrada de ferro para Paris, onde chegámos á meia noite (501 kilometros).

Estava esta cidade n'um *fervet opus* de pre-

parativos de festas para o recebimento da rainha de Inglaterra, a quem o imperador tinha ido, á 17, encontrar em Boulogne.

Além de um grande numero d'estrangeiros, de todas as nacionalidades, que, por motivo da exposição, já se achavam em Paris, tinham sido ali apresentados, n'aquelles ultimos dias, quarenta e tantos mil passaportes de inglezes, como asseverou-nos o nosso ministro.

Dizem que esta cidade nunca estivera tão cheia; o certo é que estavam tomados por preços fabulosos todos os hoteis, e até todas as janellas dos Boulevards, por onde tinha de passar o prestito que da estação de Strasbourg se dirigiria a Saint Cloud; mas o nosso hospedeiro nos esperava, e reservou-nos o nosso antigo aposento. D'ali vimos passar a rainha de Inglaterra, em carroagem descoberta, com sua filha a seu lado, e na mesma carroagem seu esposo e o imperador dos Francezes.

Cento e tantos mil homens da guarda nacional, e do exercito formavam alas em toda a distancia indicada, e na qual desde pela manhã, fluctuavam entrelaçadas milhares de bandeiras da França e da Gran-Bretanha.

A rainha esteve hospedada no palacio de Saint Cloud, donde veio, por vezes, á Paris, á exposição e aos theatros, e retirou-se hontem para Londres, com as mesmas formalidades com que foi recebida. Tirei-lhe bem o retrato no baile que, no dia dia 23, lhe deu a cidade no hotel de Ville.

Tenho ouvido que não ha lembrança de um baile tão magnifico na capital de França; tambem eu não me lembro de me ter achado em uma reunião tão incommoda, o que não admira, por que os convites, depois de reduzidos á metade, excederam, ainda assim, a dez mil; e isso em uma noite de calor, como as de Fevereiro no Rio de Janeiro.

A rainha estava contentissima pelo braço do imperador, com quem dansou uma quadrilha com muita graça; dansa aos pulinhos, como se usava no tempo em que o mestre Lourenço Lacomba m'ensionou a dansar.

Será esta a ultima das minhas missivas; mas, aprompte-se para lêr o que, d'hoje em diante, eu fôr garatujando até lá chegar.—Adeus.

Sahimos de Paris, ás 9 horas da manhã do dia 29 de Agosto, estrada de ferro por Melum, Monturaux, Fontenebleau, Tonnerre, Chalon e Macon, e chegámos á Lyon (507 kilometros), ás duas horas da tarde. Dormimos n'esta grande cidade da França, patria dos imperadores Marco Aurelio, Caligula e Claudio, hoje tão importante pelas suas fabricas de sêdas. Contém ella, presentemente, 252 mil habitantes; o Rhodano e o Saôna dividem-a em 3 bairros que se communicam por 18 pontes.

A estrada acompanha a margem esquerda do Saôna, de Chalon até Lyon, onde este rio desagua no Rhodano.

D'ali partimos, no dia seguinte, por Valença e Avignon, e chegámos á Marselha, ás 6 horas da tarde (360 kilometros).

. Por causa de uma alteração nos dias das partidas dos vapores que navegam o Mediterraneo entre este porto da França e os da Costa da India, só pudemos partir de Marselha á 2 de Setembro. Não teria tempo de mais para vêr aquella cidade, se ali não estivesse fazendo das suas o cholera-morbus. Disseram-nos que, a principio, não passava a mortalidade de uns

50 casos por dia, o que já não era para graças em população não excedente a 195.300 almas; mas, que, n'aquelles ultimos dias, avultàra tanto o rol dos que se passavam d'esta para melhor vida, que, por ordem da competente autoridade, cessára a sua publicação para não aterrar o publico.

Está visto que desde esse momento, perdeu para mim Marselha todos os seus attractivos, e que teriamos voltado immediatamente para Paris, se não fosse um desejo ardente de ver Roma e Napoles.

Durante os dias da nossa estada ali, presenciámos o embarque de milhares de soldados francezes para a Criméa, e o desembarque de um grande numero de outros, atacados do cholera, e feridos, que de lá voltavam, e não se podia deixar de sentir uma dolorosa emoção, vendo-se as ambulancias que os conduziam nos hombros dos seus camaradas, cruzarem-se com os que marchavam a substituil-os, cheios de vida e de enthusiasmo.

Era meio dia, quando largou de Marselha o vapor em que tomámos passagem para Napoles, e alguns minutos depois, passavamos junto ás muralhas do Castello d'*If*, a que dera tanta celebridade o romance de Alexandre Dumas, denominado —*O Conde de Monte-Christo*.

Nevegavamos sempre á vista da costa; era já noite, quando avistámos Nice, ponto limitrophe entre a França e a Sardenha, e, ás 8 1/2 da manhã do dia 3, fundeámos no porto de Genova (377 kilometros). Não nos animámos a desembarcar, porque, o estado sanitario d'aquella cidade era ainda peior do que em Marselha.

D'ali seguimos, ás 8 1/2 da noite, e chegâmos á Liorne, ás 6 1/2 da manhã do dia 4 (168 kilometros). Não se pintavam ali as cousas tão feias; e por isso, desembarquei com Amaral Vergueiro, para vêr de mais perto esta bella cidade da Toscana, ficando a bordo minha mulher e filha.

Tempo havia para um passeio pela via-ferrea, á Florença; mas, era ali que o cholera estava menos para graças, fazendo mais de cem victimas por dia; e pois, contentei-me com vel-a de bordo, e bem quizera tel-a visto de maior distancia.

Largámos de Liorne, ás 6 1/2 da tarde, e em troca da cantora Zechini, que tantas vezes nos deu o prazer de ouvil-a, no Provisorio, e que ali deixámos, em seguida do Rio de Janeiro para Scienna, sua patria, tivemos por compa-

nheiros de viagem, nada menos de duas companhias dramaticas e dez capuchinhos.

— Frades a bordo! (resmungaram alguns passageiros), má viagem.

Todavia, o tempo continuava excellente, e até alta noite, foi tal a vozeria dos comicos que ninguem socegou a bordo.

Alguns dos frades, um pouco espiritualisados, tagarellavam em máo latim; mas, o Amaral Vergueiro (1), que já foi Padre mestre, foi-se approximando d'elles, grupados ao pé do leme, e, em ar de gracejo, passou a notar-lhes os erros que commettiam contra as regras da Syntaxe, até que elles tomáram a cousa ao sério, foram se safando, *more pecudum*, e deixaram em paz os nossos ouvidos.

---

(1) Frade do convento de Jesus de Lisboa, e um dos melhores corações que tenho conhecido. Foi ali prégador eloquente e professor de latim, philosophia e rhetorica, até que, um dia, avisado pela Maçonaria de que ia ser preso e provavelmente enforcado, como tantas outras victimas do cruel governo de D. Miguel, por terem descoberto que elle escrevia artigos politicos para uma folha constitucional do Porto, d'onde era filho, fugiu com o vestuario de um aguadeiro do convento, levando o barril ás costas, e assim, sem ser conhecido, conseguiu embarcar no cáes do Sudré, em uma canoa de pescadores, e metter-se a bordo de um navio inglez, que levou-o a Inglaterra.

Foi elle um dos primeiros acolhidos no predio, por-

Todas as noites á hora de recolhermo-nos, despedia-se o Amaral Vergueiro, dizendo:

— Parto de madrugada, e o dito dito: até Lisboa.

Mas, na manhã do nosso embarque, quando o suppunhamos já longe, appareceu-nos elle, com uma carranca...

— Pois ainda não foi?

---

muito tempo conhecido por *Loja dos emigrados*, e que ainda hoje existe, na esquina da rua das Marrecas, em frente ao portão do Passeio Publico.

Mais tarde, foi director da parte litteraria do collegio estabelecido em Petropolis pelo Dr. Copke, o qual, em 1855, encarregou-o de ir á Portugal contractar alguns professores para aquelle collegio.

Companheiros de viagem, tive occasião de conhecel-o de perto, e d'ahi nossas relações de cordial amisade.

Justamente na vespera de partirmos de Paris para a Italia, estavamos almoçando, quando appareceu-nos elle, ainda coberto de poeira da estrada de ferro.

— Donde vem, e para onde vai, meu Jesuita? disse-lhe eu abraçando-o, tão sorpreso como contente.

— Venho de Lisboa, por Vigo e Gibraltar até aqui, somente para servir aquelle que, como sabe, deu-me o pão no exilio; sigo amanhã por Southampton para Lisboa, e quando ali chegarem de volta para o Brazil, terão a bordo o velho Amaral que se encarregará de conduzir-lhes para terra a bagagem.

—Mas, seremos ainda companheiros de viagem até Marselha, para onde partimos amanhã, e donde poderá seguir para Lisboa pelo paquete da linha peninsular da Hespanha; que diz?

— Pois bem, respondeu elle, depois de breve hesitar; e agora, deixe-me comer e beber, que ainda estou em jejum.

— Não; porque devo acompanhál-os.

— Ora graças, que já uma vez mostrou juizo.

— Se o senhor o tivesse, e já era tempo, não insistiria em ir expôr-se, com sua senhora e filhos, á peste que já tem invadido todos os paizes que tão imprudentemente vai percorrer.

Se morrer uma d'ellas, será a que sobreviver a sua protecção; mas, o que seria da outra, se o senhor fosse a victima?

N'este caso, que Deus não permitta, encontrarão ellas n'este velho a dedicação que lhes devo.

Não sei dizer com que gratidão apertei-lhe a mão. Tinhamos passado a Corsega e a ilha d'Elba, e approximavamo-nos da ilha de Monte-Christo. Dir-se-ia que um máo genio d'aquelles mares a todos tentava essa noite, porque, até eu, que não costumo cobiçar as cousas alheias, cobicei ali o cofre de Edmundo Dantés.

Se houve um castigo do Céo, como resmungavam os taes frades, poucas vezes terá elle vindo tão após a culpa; porque, escurecer a noite, encapellar-se o Mediterraneo, e andar tudo a tombos, foi obra de alguns momentos. N'este comênos, e para que nada faltasse, salta

do seu eixo uma grande catimplora de gelar a agua de bordo, rola saltando por sobre o convez, vai d'encontro ao parafuso que sustentava o lampeão da camara, e cahe este com grande estrepito entre os comicos, as comicas e os frades que ali se achavam grupados, neste estado afflictivo, que só quem soffre do enjôo é capaz de avaliar.

A queda do lampeão, deixando a todos nas trevas, figura-se-lhes um naufragio; gritam todos *misericordia*, e promessas de missas houve a todos os Santos do Céo.

Era para morrer de riso ouvir o Amaral Vergueiro, que se achára na mesma camara, contar o lastimoso estado d'aquella gente, depois da tormenta, ainda enjoado do fétido odôr que exhalava a tal camara.

Felizmente, os nossos beliches eram em cima, e grande distancia nos separava de semelhante balburdia.

Continuou o máo tempo até Civitá Vecchia, onde chegámos, ás 9 horas da manhã do dia 5 (220 kilometros).

Só depois de partirmos de Marselha, disse-nos o capitão que, pelo menos, tres dias de quaren-

tena nos aguardavam a bordo do vapor em Napoles; e pois, decidi-me a dizer-lhe adeus, bem como á importancia da nossa passagem, já paga, de Civitá Vecchia até ali.

Não obstante ter eu tido a cautela de fazer vizar o meu passaporte pela Nunciatura apostolica em Paris, só depois das 11 horas, me veio licença da policia para podermos desembarcar, e, ainda assim, graças aos bons officios do digno encarregado de negocios do Brasil nos estados pontificios, o Dr. José Bernardo de Figueiredo, que, casualmente, e por fortuna nossa, ali se achava.

A' continuação dos seus obsequios devemos ainda o ter-mos podido seguir no dia 6 para Roma, e tive occasião de reconhecer por mim mesmo que, por mais prevenido que se esteja acêrca das exigencias e contrariedades porque passa o estrangeiro que visita os estados da Egreja, é preciso que elle experimente, para saber até onde a sua paciencia é posta á prova.

Não duvido que as conveniencias do actual estado politico do paiz exijam; mas, Jesus Christo disse:

Regnum meum non est ex hoc mundo.

Eram 9 horas da manhã, quando partimos de Civitá Vecchia em diligencia, caminho de Roma.

Beira este o mar até Palo, pequeno porto de pescadores, onde paramos ao meio dia, em uma arruinada bęgoaria, para almoçar o pardal que levavamos, emquanto faziam as mudas da diligencia.

Ali foi outr'ora Altium, a antiga capital da Etruria, onde Pompeu e Antonino, o Piedoso, possuiam quintas, e mais tarde, destruida pelos Lombardos e Sarracênos.

D'ali em diante, só vimos campos diversos, algumas ruinas e choupanas de pastores.

A's 4 1|2 horas da tarde, tinhamos andado 14 leguas, e entrávamos a cidade eterna pela porta *Cavallaggieri.* Passámos a praça de S. Pedro, contemplando de relance, a soberba columnada que a circula e o grande templo da Christandade; atravessámos o Tibre pela ponte Santo Angelo, antigamente *pons elius*, junto ao castello do mesmo nome, edificado sobre o mausoléo de Adriano, e internámo-nos pelas ruas estreitas da outr'ora capital do mundo, e dos meus sonhos do imaginar.

Alguns momentos mais, estavamos hospedados no hotel d'America, via del Babuino.

Eram contados os dias da nossa viagem; e pois, não havia tempo a perder : Na manhã do dia seguinte, começámos nossas excursões ás ruinas, e sem mais preambulos, referirei o que vimos, dirigidos por um ciceroni e pelo roteiro de *Mr. du Pay*.

Antiguidades do tempo dos reis :

Sobre o monte capitolino, por onde principiámos, só existe d'essa epocha a rocha tarpéa a Leste da praça do capitolio. O rochedo, donde eram lançados os traidores á patria, e sobre o qual estive uma boa meia hora já não é quem d'antes era, porque, em consequencia da elevação do sólo, tem perdido grande parte da sua altura; mas, ainda assim, fica muito a cavalleiro dos telhados das casas que lhe são contiguas. D'ali desci ao quintal de uma d'ellas, para observá-lo tambem pela ordem inversa e conservo uns fragmentos que d'elle extrahi, coadjuvado por uns rapazes que, com seus martellos, prestam esse serviço aos curiosos, buscando assim um meio de vida, como qualquer outro.

Em meia distancia de uma das duas ladeiras

que descem ao *Forum*, existiam algumas braças do muro com que Servio Tullio fechára a cidade, e, mais abaixo, á raiz do monte, a celebre prizão mamertina, do tempo de Anco Marcio, onde Cicero fizera executar os cumplices de Catilina, onde diz-se que perecêram Jugurtha, Sejano e outros, e onde vê-se ainda a pedra sobre que foram decapitados.

Segundo as legendas, tambem ali estiveram encarcerados S. Pedro e S. Paulo, não constando aliás da historia que o primeiro d'esses dous Santos estivesse em Roma. Descêmos a esse subterraneo, onde vimos a porta de pedra, a que se prendiam (assim ouvimos) as cadêas dos dous Apostolos, a nascente que ali brotára, e de que se servira S. Pedro para baptisar, depois de convertel-os, os seus guardas *Martinianus* e *Procenus*, e o principio da escada subterranea, denominada dos gemidos, *escala gemonea*, que da prizão conduzia á praça do Capitolio.

Sobre as abobodas do carcere, foi edificada a egreja de S. José, cujo interior dá entrada á escada moderna que ali conduz.

Existe em perfeito estado a *cloaca-maxima*,

construida por Tarquinio, o antigo, ha dous mil e quatrocentos annos, e serve ainda de esgoto á cidade. Percorri-a toda até á sua desembocadura no Tibre, ouvindo as queixas amargas do meu amigo Amaral Vergueiro, que, máo grado seu, me acompanhava por sob aquellas fétidas abobodas, mal respirando atravez do lenço de tabaco com que abafava o nariz.

D'ali nos dirigimos á Fonte Sagrada, junto ao bosque do mesmo nome. Bebi da sua agua que é excellente, e tambem conservo uns pedacinhos da carcomida estatua da Nympha Egeria, a quem Numa Pompilio consultava sobre os negocios do estado. A um lado da ponte está o poço onde se banhava a supposta conselheira do 2º rei dos Romanos; provavelmente alguma bella peccadora de carne e osso.

Ali notei a attenção com que o meu referido amigo, sem pestanejar, e prompto para dar ás gambias, observava os menores movimentos de uns touros mal encarados que passavam na vizinhança, e cumpro a palavra que então lhe dei, mencionando aqui este facto.

Deve pertencer á mesma epocha a *pons sublicius*, de que restam alguns pilares, a primeira

que existiu em Roma, e que, no começo da Republica se tornára tão celebre pela heroica defeza de Horacio Cocles contra o exercito de Porcena.

Quem não se enthusiasmaria ali, recordando as palavras, referidas por Tito Livio, com que o valente Romano, sentindo ceder a ponte por de sob seus pés, evoca as aguas do rio da patria para que recebam propicias o soldado e as armas que acàbavam de salvar a Republica?

Tiberine pater, te sancte, precor hæc arma et hunc militem propicio flumine accipias.

Ou este civismo, ou o da *barriga*, como disse o meu bem conhecido comprovinciano, de saudosa memoria, Bernardo Pereira de Vasconcellos.

PERIODO DA REPUBLICA

A Via-Appia, começada pelo censor Appius Claudius, no anno 442 de Roma. Percorrêmo-la cerca de 3 milhas, da porta Capena, hoje de S. Paulo, e bem assim, a via Ostentia; os subterraneos, onde as vestaes eram condemnadas a morrer de fome, quando deixavam apagar-se

o fogo sagrado; os muros do Tabularium, construido por Scipião Nazica sobre a base do Capitolio, no anno 596 de Roma, o templo da fortuna viril (hoje egreja de Santa Maria Egypciaca), cuja devoção acreditavam as matronas romanas que encobria aos olhos dos homens os seus defeitos corporeos, e, finalmente, o tumulo de Bibulus, ao pé do Capitolio, no principio da rua Marforio.

TEMPO DO IMPERIO

Templos

O da Concordia, o de Jupiter Tonante, o da Fortuna, o de Julia, o de Jupiter Stator, o de Antonino e Faustina (hoje de S. Lourenço em Miranda); o de Constantino, o de Roma, o de Venus, o de Romulo, o de Esculapio, na ilha tiberina, do qual só resta uma parte da base sobre a qual foi edificado um convento de frades; o de Pallas Minerva, o de Venus e Cupido, o de Nerva, o Pantheon, o de Antonino o Piedoso, o de Jesus, o de Baco, o de Berna, o de Venus Regina, o de siana, e o de Verta, á

margem do Tibre, provavelmente aquelle de que falla Horacio por occasião de uma grande enchente do Tibre :

> *Vidimus flavum Tiberim...*
> *Ire dejectum monumenta regum*
> *Templa que Vertæ.*

Palacios

O dos Cezares sobre o monte palatino. Empreguei horas em percorrel-o com o meu inseparavel companheiro Amaral Vergueiro; e do pavimento mais alto que resta do colossal edificio, coberto de matagal, entremeiado de algumas plantações e casinhas de seus cultivadores, viamos a cavalleiro a cidade e o Tibre, dividindo-a em dous bairros, e serpeiando pelas campinas circumvizinhas.

Ali, seguindo veredas estreitas e pedregosas, atravez de bosques mais ou menos espessos e emmaranhados; e descobrindo de suas clareiras o extenso horisonte que nos rodeava, mais nos parecia que andavamos pelo cimo de um monte, do que por sobre as abobodas de um edificio.

Foi ahi que, exhausta a paciencia do meu com-

panheiro, aliás pachorrento e bondoso, voltou-se colerico para o ciceroni que, sem cessar, nos perturbava, no meio de nossas recordações historicas, com o galrejar costumeiro dos do seu officio, e bradou-lhe com sua voz de baixo profundo, e em italiano, para que o pobre homem, que mal papagaiava em francez, melhor o entendesse na propria lingua:

« Cale-se com mil demonios, e limite-se, uma vez por todas, a mostrar-nos o caminho ; não vê que nos está importunando com suas historias mentirosas e estupidas ?»

E era de ver a physionomia e os gestos significativos do meu velho, mas ainda robusto companheiro, cuja longa barba grisalha remoinhava com o vento d'aquellas alturas.

E o ciceroni emmudeceu de subito ; e eu, frouxo de riso, deixei-me cahir sobre uns destroços relvosos que, de ha seculos, ali jazem amontoados. E certo, nem Job teria paciencia bastante para aturar por mais tempo aquelle tagarella de sete folegos, se, como nós, ali se embevecêra na contemplação d'aquellas ruinas, outr'ora testemunhas silenciosas da magnificencia, das cruezas e horrores, com que se deleitavam os Tyrannos que d'ahi dominaram o mundo.

Foros

O de Augusto, o de Trajano, o Paladium, dedicado á Pallas, e, mais tarde, Forum de Nerva.

Theatros, Amphitheatros e Circos

O Theatro de Marcello, começado por Cesar, e concluido por Octaviano Augusto, o de Pompeu, o amphitheatro de Floriano, ou Colyseu, o Circus Maximus, o de Salustio, o de Floriano, o de Flora, o de Agonalis, o de Alexandre Severo, e o de Caracalla.

Ao pé do Colyseu existe ainda a *Meta-sudans*, onde os gladiadores lavavam as ensanguentadas mãos.

Porticos e Arcos

A Porta Octavia, o arco de Septimio Severo, o de Tito, o de Constantino, o de Dolobella, o de Silvano, dos Ourives, o de Janus Quadrifores o de Drusus, o de Gallimus, e o de Hidolabella.

Columnas e Torres

A columna de Trajano, a de Antonius e a torre de Nero.

Existe esta em um convento de freiras ; e por isso, fiquei com o desejo de subir ao logar donde o Tyranno (valha a verdade) presenciára o incendio de Roma, causando a destruição de Troya.

Obeliscos

O da praça do Vaticano, o de S. João de Latran, o de Santa Maria Maior, o de Monte Cavallo, o da Praça del Populo, o do Pantheon, e o da Praça Navona.

Aqueductos

A agua Maxima, a Felice, e a de Clovis e Nerva.

Tumulos e Mausoléos

O mausoléo de Augusto, a que se refere Virgilio :

Que, Tiberine, videbis
Funera, quem tumulum
Postulaberi recentem.

Serve hoje de praça de touros.

— A pyramide de Caius Certius, junto á porta de S. Paulo, do tempo de Augusto.

— O mausoléo de Adriano, hoje Castello de Santo Angelo.

— O tumulo dos Scipiões, na antiga Via Appia, hoje, de S. Sebastião, em meio de uma vinha, onde comemos optimas uvas. Já não existe o edificio ; mas, conserva-se em perfeito estado o jazigo subterraneo, onde penetrámos com luzes, e onde vimos os sarcophagos de marmore dos membros d'aquella illustre familia romana. Não existem porém ali os seus ossos, porque, o senador de Veneza, Angelo Querini, que se diz descendente daquella familia, os fez transportar e recolher a um monumento, para esse fim erecto na sua casa de campo de Altichiere, perto de Padua.

— O da infeliz Camilla, irmã dos tres Horacios, e victima do brutal civismo do vencedor dos Curiacios.

— O de Cecilia Metella, filha de Quintus Cratius, e mulher de Cresus, o rico Triumvero, e finalmente :

— O Columbarium de Quenius Pomponius Hilas, descoberto em 1830.

Ao pé da porta S. Sebastião, existe a egrejinha denominada :

Domine, quo vadis? Segundo a tradição, foi alli que S. Pedro, exhausto de forças, quando fugiu da prisão mamertina, adormecêra, e, encontrando em sonho com Jesus Christo carregando a cruz, lhe dirigira a pergunta, ácima referida, á qual respondeu-lhe o Salvador: « Vou á Roma, para subir de novo á cruz. » Comprehendêra o Apostolo a exprobração, e subito d'ali voltára a desafiar o martyrio.

Penetrámos algumas das innumeras galerias subterraneas, á que dá entrada a egreja S. Sebastião sobre a Via Appia. Segundo a tradição, d'ali se dirigem até Ortia, e, ramificando-se por todo o paiz, constitue essa Roma subterranea, dividida em 72 *reliquias* principaes. Um frade d'aquelle palacio, ou antes capucho, nos guiava por esse dédalo lobrego e infecto, ora subindo, ora descendo, e levando cada um de nós uma luz.

Lá vimos uma infinidade de catacumbas dos primeiros christãos que viveram, a abrigo das perseguições d'essa épocha, e, de distancia em distancia, umas cavas mais espaçosas, onde se reuniam para os seus actos religiosos.

Ali soffriam elles um martyrio mais lento e cruel que os dos seus algozes: Aos tormentos da

sêde e da fome accrescia-lhes o frequente espectaculo das dores dos mutilados que lhes chegavam, a falta de ar e a horrivel putrefacção dos cadaveres.

Certo, admiravel era a poesia que essa Roma subterranea prestava á nova religião com o seu silencio e com a obscuridade dos seus tumulos. Repellidos pelo genero humano, ali procuravam os fieis um refugio nas entranhas da terra; ali adoravam em paz o verdadeiro Deus por sob a Roma dos falsos deuses; ali, sem outras honras funebres que não as lagrymas, depositavam os restos queridos dos seus martyres.

Esta vida funebre, esta religião evangelica eram por demais sublimes: aquella de resignação e coragem, e esta de pureza e amor.

Sahimos das catacumbas, mais depressa do que eu quizera; mas minha mulher e minha filha queixavam-se já da fadiga e do ar mephitico que ali se respirava; ao demais, começavam de oscillar as luzes, e o frade que nos guiava, retrocedeu logo.

Grande parte das ruinas que acabo de referir, existem nas proximidades do Forum, e quasi todas as outras no espaço comprehendido pelas

muralhas de Servio Tullio ; poucos dias pois bastam para vêl-as todas, aproveitando-se o tempo; e por isso, pudemos visitar ainda alguns dos principaes monumentos da moderna Roma, a saber :

— As galerias do Vaticano, e uma parte d'aquelle palacio, ou antes d'aquella agglomeração de edificios, que mais parece uma cidade do que um palacio. Dizem que contém elle treze mil camaras, e tambem ha quem diga que é melhor acredital-o do que contal-as.

— A antiga residencia dos Papas em S. João de Latran e outros palacios particulares.

— Algumas das 36 pontes da cidade, e outras construcções modernas que, certo, levam vantagem a tudo quanto tinhamos visto em outros paizes da Europa, pela magnificencia dos marmores tirados dos mouumentos da antiga Roma.

N'esta obra de destruição do governo dos Papas, ninguem se distinguiu tanto como Urbano 8.°, da familia dos Barberinos ; e por isso, com razão se diz do seu vandalismo :

Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini.

Por occasião da festa anniversaria da natividade da Virgem, assistimos a uma pontifical do

Papa Pio 9.°, na bella egreja de Santa Maria del Populo, á praça do mesmo nome, com a vantagem de termos obtido um logar em frente e mui proximo da cadeira de Sua Santidade. No fim da festa, foi essa cadeira suspensa, como de costume, por dous varáes aos hombros de 12 homens, vestidos com uma especie de balandráos de sêda escarlate, e assim, percorreu o SantoPadre a egreja, até entrar na sua carroagem, lançando a benção aos fieis que se ajoelhavam á sua passagem.

Os Cardeaes, os Monsenhores, os Conegos e mais dignidades ecclesiasticas, inclusive uma guarda de Archeiros, vestidos a guisa de arlequins, precediam a cadeira, seguida de seis homens da Guarda Nobre, *Guardia Nobile*. Compõe-se esta de Principes, Marquezes e Condes, naturalmente porque não basta ser catholico apostolico romano para guardar o Papa.

A praça de Santa Maria del Populo, estava cheia de espectadores; á porta da egreja, postava-se a fartosa Guarda d'Honra, em lindos cavallos negros, e alguns corpos de cavallaria e infanteria formavam alas, por entre as quaes devia passar o estado do Santo Padre, precedido das carroagens dos Cardeaes.

A julgar pelo que vimos, nas principaes côrtes da Europa, nenhum soberano ostenta uma equipagem tão magnifica: havia o mais perfeito contraste entre esse luxo asiatico e a miseria do povo, que se prostrava, quando passava o coche do Vigario de Jesus Christo, tão humilde e tão pobre! Outro tanto fazia a tropa, com armas em adoração; e pois, tem o Papa honras divinas nas ruas de Roma.

Nas nossas excursões pela cidade e seus arredores, não podiam ser esquecidas dez collinas, a cujos nomes se prendem nossas recordações escolasticas, a saber: o Capitolino, o Palatino, o Quirinal, o Cœlio, o Aventurino, o Viminal, o Esquilino, o Pincio, o Vaticano e o Janiculo.

D'estas testemunhas eternas da grandeza e glorias do *povo-rei*, como que só vive hoje o Pincio, em razão do bello passeio publico que sobre elle construiu a administração franceza. E' o favorito recreio, á tarde, dos cardeaes e demais habitantes de Roma, campeando aquelles pelas suas vestes e pela criadagem agaloada que os acompanha.

A's 11 horas da manhã do dia 12, partimos

de Roma, em diligencia, e um véo de olvido por sobre tantas illusões varridas do meu espirito.

A estrada, ora á direita, ora á esquerda da antiga Via Appia, atravessa a campanha, *agrum romanum*, outr'ora coberta de viellas e monumentos, e hoje de suas ruinas.

Pouco depois de meio dia, passámos á cidade d'Alba, patria dos tres Curiacios, e onde estes se bateram com os tres Horacios.

A's 3 horas, chegámos ao porto d'Anzo, antiga *Actium*, patria de Néro e capital dos Volsen, onde Cicero e muitos outros illustres romanos possuiram quintas. Tinhamos andado 37 milhas italianas. D'ali seguimos em um pessimo vapor do paiz; ás 9 horas passavamos junto á ilha de Circi, e muito tempo depois, sonhava eu ainda com o espertalhão do Ulysses, fazendo ali das suas, em companhia da tal magica, filha do sol e da nympha Persa.

A's 6 horas da manhã do dia 13, entravamos o golfo de Napoles, e ás 8, davamos fundo encontra á risonha Parthenope.

Era esse dia o do meu quadragesimo sexto anniversario natalicio, e eis a maneira como ali nos brindaram:

Passava de 10 1|2 horas, quando tivemos licença da policia para podermos desembarcar, depois da inspecção medica que tivemos a bordo, e que fez-me lembrar a visita de saude porque passavam os miseros africanos novos, nos vergonhosos tempos do Valongo do Rio de Janeiro. Em terra, tivemos ainda de apresentar-nos áquella repartição, onde, já de ha muito se achavam os passaportes dos passageiros. Estavamos ainda em perfeito jejum, porque, em dia de chegada, seja a que horas fôr, não se usa *manjari* a bordo do tal vapor. Minha mulher e minha filha soffriam as consequencias do enjôo, e, mesmo assim, não foram dispensadas de subir uma longa e porquissima escada, para se apresentarem, em uma sala asquerosa e atulhada de beleguins, ao encarregado de verificar a identidade de cada uma das pessoas designadas nos passaportes. O meu, além de preenchidas as formalidades do estylo, declarava que era eu Camarista do Imperador, e minha mulher Dama da Imperatriz do Brazil. Isso não obstante, fomos ali tratados, como talvez não o sejam, em nenhum outro paiz civilisado, nem mesmo os estrangeiros suspeitos á sua politica. Não me re-

firo ao Brazil, que é de certo o paiz mais livre do mundo, e provéra a Deus que todos os Brazileiros o reconhecessem.

Todas as declarações que nos ali fizeram prestar de pé, até a do hotel a que nos dirigimos, com declaração dos dias que tencionavamos ficar em Napoles, e obrigação de voltarmos áquella repartição, se a nossa demora excedesse de 15 dias, eram registradas por um barbaças, com cara de desmamar crianças, e sobre cuja cabeça pendia da enfumaçada parede uma imagem do Crucificado, como que dizendo-nos: « Tenha paciencia, que muito mais soffri eu ».

N'esse mesmo dia, fizemos um agradavel passeio de carro pela cidade, e no dia 14, dirigimo-nos, em companhia do encarregado de Negocios do Brazil e sua amabilissima Senhora, nossa Prima, o Visconde e Viscondessa de Santo Amaro, ao palacio da residencia de S. A. I. a Condessa d'Aquila, em Capodimonte. Estava ausente o principe seu esposo; mas a Princeza Brazileira nos recebeu com a bondade e lhaneza que de ha muito lhe conheciamos, e que tão querida a fizera entre nós.

D'ali nos dirigimos ás residencios de suas al-

tezas, a Condessa de Montimolino, e princeza D. Maria Amelia, irmãs de S. M. a Imperatriz, e conservamos grata lembrança da maneira por que fomos recebidos por essas princezas e seus esposos, os infantes de Hespanha D. Carlos, Conde de Montimolino, e D. Sebastião de Bourbon e Bragança, neto de D. João 6°, e nascido no Rio Janeiro em 1812.

Visitamos, no dia 15, as excavações de Pompeia e Herculano, a maior curiosidade da Italia e quiçá do mundo, porque, como diz uma descripção que tivemos á vista, ali está a presente geração no mundo da antiguidade; não d'essa antiguidade entrevista através dos trechos dos livros, das duvidas e conjecturas dos eruditos; mas, da antiguidade em toda sua material realidade; e de feito, duas cidades inteiras ali estão á vista, taes como as deixaram os seus habitantes, ha mil e oitocentos annos.

Percorremos as suas ruas e praças, os seus templos, os seus theatros, e muitas das suas casas particulares. Nas adegas da de Diomedes e outras vimos as amphoras do ultimo vinho que beberam os seus ultimos moradores; nas suas paredes—pinturas a fresco e inscripções latinas

toadas que, no principio do corrente anno obstruiram inteiramente o unico trilho por onde, com menos custo, se subia d'antes, lográmos, no fim de 3 1|2 horas, galgar o cume.

Tinhamos passado por junto de algumas bôcas ultimamente abertas na encosta da empinada montanha, nas quaes, por vezes, accendi o meu charuto, e estavamos á borda da enorme cratéra de 1850.

Outras, que não a minha pobre imaginação, descrevam esse abysmo e as maravilhas que se descortinam á vista, de sobre aquella crescencia do dorso dos Apenninos.

O nosso guia, Raphael, tinha-o sido tambem do Barão de Humboldt; e pois, o escutavamos, como se fallasse por bocca d'aquelle sabio. Quiz elle que percorressemos o cume da montanha para vermos as bccas antigas que já não fumam, e com insistivel logica ciceronica, destruiu todas as nossas prudentes observações, asseverando-nos, de resto, que o vento era constante, e nos favorecia, impellindo a fumaça da referida cratéra para o lado opposto ao que tinhamos de percorrer. O certo é que, machinalmente, ou antes, tolamente, o fomos seguindo, tambem acompa-

nhados de um seu irmão, e teriamos andado cêrca de tresentos passos, quando nos achámos em um trilho escabroso e escuro entre dous abysmos. Foi ahi que, por fatalidade, subito voltou-se o vento, e atirou sobre nós a columna do fumo empregnado de enxofre.

Raphael e seu irmão gritavam que corressemos para diante, e arrastavam as senhoras. Quiz Deus que eu não perdesse o tino para poder observar que, quanto mais avançavamos, mais augmentava o fumo e calor. Minha mulher cujo estado de gravidez aggravava o seu soffrimento, posto que sempre corajosa, pôde apenas dizer-me que sentia-se morrer; sem perder um momento, empreguei toda a energia de que fui capaz, para obrigar os guias a retrocederem comnosco.

Corriamos com as pobres senhoras, lobrigando apenas por entre a fumaça a perigosa vereda que seguiamos.

Alguns momentos mais, seria completa a asphyxia; mas, estavamos salvos, pelo amparo de uma pequena eminencia, á que acabavamos de abrigar-nos, e onde, ensopados de suor dormiam os 12 Lazaronis, que carregaram as cadeiras.

Minha mulher, que já ali chegára inteiramente sem sentidos, havia-os felizmente recuperado, graças aos meus esforços, coadjuvados pelos de nossa filha, lavada em lagrymas, e de joelhos ao pé de sua mãe, a qual, logo que pôde abrir os olhos, e ver-me dando aos diabos a subida ao Vesuvio, balbuciou sorrindo-se, posto que ainda com a lividez da morte: «Pois eu, apezar de tudo, não estou arrependida.»

Muito tempo depois, sentia-me eu ainda sob a impressão da maior de quantas angustias hei soffrido na vida, e o Amaral Vergueiro, com cara de desenterrado, offegando e tossindo, vomitava as dóses de enxofre que tinha engulido.

Para abreviar esta historia, de tão tristes recordações, direi que eram 10 1|2 horas da noite quando chegámos ao nosso hotel em Napoles, e vieram a tempo as historias que nos ali contavam sobre o perigo a que nos expuzemos, e de que o Céo nos livrara. Entre outras, que a ganancia dos taes cicerones tem por vezes compromettido a vida de estrangeiros que cegamente os acompanham n'ascenção do Vesuvio, e que não poucos d'entre elles têm ali encontrado a morte.

Está visto que tarde foi o nosso jantar, du-

rante o qual, não se fallou de outra cousa, excepto o Amaral Vergueiro, que, taciturno e mudo como um rochedo, aproveitava o seu tempo, fazendo as honras devidas ao *macarroni*, que é o feijão da Terra, e abafando-o, de quando em vez, com um copazio de *Lacryma Christi*. Ao terceiro, quarto ou quinto, que sei eu? deu a taramella, e disse: « A' saude d'aquelle, que jurou aos seus deuses dar cabo d'este pobre velho; mas que, por fortuna nossa, transformou-se hoje em um leão; pois, sem elle, á esta hora, carbonisados, não estariamos aqui, sãos e salvos, respirando n'estes ares; e agóra toca a dormir, *bona notte*. »

« Quem, conhecendo-o (disse eu aos que comigo ficáram á mesa), não será amigo d'este homem? »

Empregámos o dia 17 em visitar o museu de Napoles, que é curiosissimo, principalmente pela rica collecção de objectos tirados das excavações de Pompéa e Herculano, e partimos d'aquella cidade, em um vapor napolitano, ás 5 1|2 horas da tarde do dia 18.

Certo, podia ser aquelle paiz o mais bello da Europa, se um systema menos tyrannico o re-

gesse; mas, é horrivel o seu estado politico, e quem observa o concentrado espirito das massas que atulham as ruas e praças de Napoles, como que vê prestes uma explosão muito mais temivel do que as do seu Vesuvio.

Quando deixámos Napoles, ferviam ali os preparativos bellicos, porque, todos os dias, era ali esperada uma esquadra anglo-franceza, a tomar contas ao governo do paiz sobre a sua politica nos negocios do Oriente.

Já disse que haviamos partido em navio napolitano, e pois, não tinhamos desejo algum de encontrar aquella esquadra nas aguas do Mediterraneo. Felizmente, na manhã de 19, depois de um fortissimo temporal, durante a noite, chegámos á Civitá-Vecchia, e d'ali seguimos, ás 3 horas da tarde. No dia 20, beirámos pela segunda vez a ilha de Monte Christo, a d'Elba e a Corsega, e, á meia hora da tarde, davamos fundo em Marselha. Já então, morriam ali de cholera de 80 a 90 pessoas por dia, e não havia um só ponto da Italia, a que não tivesse chegado a terrivel epidemia.

Dormimos a 21 em Lyon, onde chegámos ao meio dia; visitámos algumas das suas principaes

fabricas, e, ás 8 da noite de 22, estavamos de volta em Paris.

Tudo era ali regosijo, porque, finalmente, estava arrazado Sebastopol.

Deixámos aquella cidade, á uma hora da tarde de 2 de Outubro, e ás 8 1/2 da noite, chegámos a Boulogne.

No dia seguinte, visitámos o acampamento de quarenta mil soldados francezes que ali se exercitavam, embarcámos ás 3 horas da tarde, e ás 5 1/2, desembarcámos em Falkstone; tomámos a estrada de ferro, e, ás 10 1/2 da noite, estavamos em Londres. Era a segunda vez que eu visitava a grande capital da Inglaterra.

No dia seguinte, fomos pela estrada de ferro á Clairmond, onde reside, com a familia Orleans, a princeza que tanto se ufana de ter nascido entre nós; e não sei dizer o que sentimos, vendo-a tão amavel e espirituosa no seu exilio, como a conhecemos no palacio de S. Christovam.

Entre as curiosidades de Londres, que visitámos, merecem especial menção o Palacio de Chrystal, a Camara dos Lords e dos Representantes, a Torre de Londres e tudo quanto ali existe, inclusive o machado e o cêpo que ser-

viram para a decapitação de Anna Bolena, o tunel do Tamisa, algumas das suas pontes, as dócas, o hotel dos invalidos, a cathedral, a egreja de S. Paulo, e empregámos o resto do tempo em percorrer a cidade, seus parques, e alguns dos seus lindos arredores.

A's 11 horas da manhã do dia 8, partimos de Londres pela estrada de ferro, e chegámos á Southampton, ás 5 horas da tarde.

Largámos d'aquelle porto, ás 3 horas da tarde do dia 9, a bordo do paquete inglez *Tamar*, e chegámos á Lisboa, ás 6 horas da manhã de 13; passámos a manhã em terra, e seguimos, ás 3 horas da tarde; á meia noite de 16, chegámos á Madeira; almoçámos em terra, démos uma corrida pela cidade, e, ao meio dia, seguimos viagem. A's duas horas da tarde de 17, fundeámos em Teneriffe, e a ninguem foi permittido desembarcar, porque suppunham ali que havia cholera a bordo.

A's 8 1/2 da noite de 21, fundeámos em São Vicente, e d'ali partimos, ás 10 horas da noite de 22.

A's 8 1/2 horas da noite de 26, encontrámos, nas alturas da linha, o paquete inglez *Avon*, pro-

cedente do Rio de Janeiro, e por elle tivemos noticias da côrte até o dia 12. Chegámos á Pernambuco, ás 3 1/2 da tarde de 28; d'ali seguimos ás duas da tarde de 29, e chegámos á Bahia, ás 10 da noite de 30. Passámos em terra a manhã de 31, e partimos, ás 10 da noite.

Eram 3 horas da tarde do dia 3 de Novembro, quando fundeámos na Bahia do Rio de Janeiro.

Segundo as notas do itinerario, devemos ter andado n'esta viagem 7.671 leguas francezas, a saber:

Em barcos de vapor.........	5.486
Por estradas de ferro........	2.130
Em diligencias.............	55
	7.671

SEGUNDA PARTE

RECORDAÇÕES DA MINHA VIDA ESCOLASTICA

Quando, por conselho do meu illustrado amigo rio-grandense, Estevão José Machado de Moraes Sarmento, matriculei-me, como pensionista no seminario episcopal de S. José, em Fevereiro de 1827, tinha eu já estudado particularmente com elle — latinidade, geographia, historia e rhetorica ; — francez com diversos professores, e geometria com o carmelita pernambucano, Fr. Pedro de Santa Marianna, lente cathedratico do 2.º anno d'academia imperial militar, annos depois, *bispo in partibus* de Grisopolis e aio de S. M. o imperador.

Depois de apresentado pelo meu referido amigo ao reitor, Fr. José Pedro Metella, e aos meus professores, levou-me elle á cella do sabio e virtuoso franciscano portuguez Fr. Custodio de Faria, e de quem, opportunamente ainda

fallarei mais d'espaço, e disse-lhe:—Padre mestre, apresento-lhe este meu prezado amigo, e recommendo-o á sua protecção. Abraçou-me o venerando ancião, e, desde esse momento, tive a fortuna de merecer-lhe as maiores provas de confiança e amisade.

Submettido a exame vago, chamado de habilitação, dos poetas e historiadores latinos — Horacio, Virgilio, Ovidio, Tito Livio, Cicero, etc., declaráram os membros da mesa, presidida pelo reitor, que estava eu mais que habilitado para matricular-me no curso philosophico; mas, infelizmente, dispunha um absurdo artigo dos estatutos que, para seguir esse curso. era preciso ter estudado latim no seminario; e pois, tive de ali continuar o estudo d'essa materia, até a épocha dos exames finaes do anno, sempre vagos e publicos, com a presença do bispo, acompanhado por todo o cabido, e obtive a nota *Nemine discrepante*, que era então a maior, permettida pelos estatutos, e cujos documentos conservo, como os das demais materias que posteriormente ali estudei.

Era então professor d'aquella materia Fr. Thomaz de Aquino de Lascazas, benedictino

portuguez, que, desde logo, passou a distinguir-me da maneira mais significativa.

Instruido, porém ainda mais fanfarrão, não perdia occasião de dizer-nos, cheio de orgulho : *Srs., foram meus discipulos, na Bahia, José da Costa Carvalho, regente do imperio, — Francisco Ramiro de Assis Coelho, ministro da justiça, e Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, presidente da camara dos deputados ; procurem imital-os.*

Durou esta fanfarronice, que já enjoava, até o dia em que do grupo dos externos gritou um d'elles *Basta Fr. Camisa*, (assim alcunhado por causa da murça branca da sua ordem.)

— O que é isso ? perguntou elle, furioso.

— Foi lá fóra, padre mestre, que gritaram *fr. Camisa*, respondeu o garoto. *E lá fóra não estava ninguem.*

Por fortuna nossa, tinha elle substituido, n'esse mesmo anno o professor publico João Baptista Soares de Meirelles, que dava duas duzias de palmatoadas por uma simples syllabada, e de quem disse o sabio José da Silva Lisbôa, visconde de Cairù, que, se fosse possivel perder-se a lingua latina, seria elle o unico capaz de restabelecel-a.

Mais tarde, voltarei ao meu padre mestre de Lascazas.

No anno seguinte, 1828, matriculei-me no curso philosophico, dirigido pelo carmelita fr. José de Santa Eufrazia Péres ; mas, tinhamos apenas concluido a logica pelo rançoso Genuence, que era compendio obrigatorio dos taes estatutos, quando elle foi nomeado provincial do seu convento, e substituido por Monte Alverne, cujas cartas, adiante transcriptas, mostram sobejamente a estima que lhe mereci.

Durante o anno anterior, estudei um pouco de grego com o referido fr. Custodio, inglez com o padre Guilherme Tilburi, que, alguns annos antes, tinha ensinado essa sua lingua á Sra. D. Maria da Gloria, depois D. Maria 2.ª, e a uma menina sua companheira de infancia, filha da Sra. Condessa de Itapagipe, e que, mais tarde, foi minha esposa.

Começaram os exames finaes do annó, com a publicidade e formalidades do costume, occupando a mesa o nosso reitor, o professor de philosophia do seminario de S. Joaquim, fr. José Polycarpo de Santa Gertrudes, o nosso professor Monte Alverne, fr. João de Parma, Marquez de Maricá, e outros.

No banco dos examinandos estavam pela ordem d'antiguidade os seminaristas Lourenço Vieira de Souza Meirelles, eu, Antonio Francisco de Almeida Barboza, e Bernardo Pereira Peixoto. Immenso era o auditorio, accrescido por todos os seminaristas de S. Joaquim, nossos antagonistas. Estavamos pallidos e tremendo como varas verdes. Monte Alverne levantou-se, observou-nos, com animador sorriso, e, voltando-se para o grupo dos *carneiros*, assim denominados por causa da côr exalviçada dos seus gabinardos, disse em voz alta : *Se vieram para amedrontar os que occupam aquelle banco (apontando-nos), perderam o seu tempo, porque nenhum dos Srs. conhece melhor do que elles a materia do exame, como vão ver.* Profundo silencio reinou, durante o acto, e fomos todos approvados com o *Nemine discrepante.*

O primeiro dos meus tres companheiros, que já era subdiacono, concluida a sua ordenação, foi, alguns annos, capellão de meu pae, na sua fazenda de S. Matheus, e depois, conego, monsenhor e capellão da casa imperial com o titulo do conselho ; o segundo e terceiro formaram-se em medicina ; aquelle foi o bem conhecido chefe da

imprensa liberal de Campos, e este, medico do hospital da imperial Quinta da Boa-Vista.

E' bem conhecida a historia da invasão franceza de Portugal, da vinda da familia real com sua côrte para o Brazil, e da condemnação á pena de morte do marquez de Loulé, com confiscação de seus avultados bens, por ter adherido áquella invasão ; o que todos, excepto eu, não conhecem, são as minudencias da fugida do dito marquez para o Rio de Janeiro, apadrinhado como uniforme de 2º tenente d'armada ingleza, escriptas por seu proprio punho, e que me foram dadas por meu tio, o Sr. marquez de Baependy, dizendo-me : *Como tens quéda para cousas velhas, guarda este escripto, bem mal escripto, como verás, não por amor do tal marquez, mas, por me ter sido dado pelo Sr. Dr. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, nosso comprovinciano, e que, como sabes, foi tão amigo da nossa familia* (1).

Tambem são conhecidos os baldados empenhos dos membros da côrte, parentes e amigos do condemnado, começando pela princeza da

(1) Vide notas.

Beira, predilecta filha de D. João 6.º, e do poderoso marquez de Bellas, para obterem o perdão. Sempre inexoravel, respondia-lhes el-rei: *Se sabem onde elle está, digam-lhe que não appareça; salvo, se quer ser preso e enforcado.*

Com a familia real veio o nosso Fr. Custudio, que era professor no seu convento, em Lisboa, de grego, hebraico e outras materias.

Com elle confessava-se el-rei todas as sextas-feiras, e depois d'esse acto religioso, mandava-o sentar-se á sua ilharga, e aconselhava-se com elle sobre os assumptos mais reservados de sua vida domestica.

Era uma sexta-feira da Paixão; finda a confissão, disse elle a Fr. Custodio, que se lançára de joelhos a seus pés:

— Que é isso? levante-se, e conversemos.

— Não me levantarei, sem que prometta imital-o, disse apresentando a el-rei uma pequena imagem do crucificado que tirára de sob a murça de seu burel.

—E a quem devo perdoar, Fr. Custodio?

— Ao marquez de Loulé *arrependido.*

D. João 6.º, commovido, respondeu-lhe:

— Fr. Custodio, se sabe onde está o marquez

vá buscal-o, porque está perdoado com restituição de todos os seus bens, e d'hora em diante, não haverá lugar na minha côrte que lhe seja vedado.

Algumas horas depois, estava o marquez de Loulé nos braços de D. João 6.°, e, desde logo dando as cartas n'esta terra que nos *viu nascer*.

Fr. Custodio pedio-lhe pela primeira vez um favor.

— Um favor, Fr. Custodio! a mim que tudo lhe devo? diga.

— Peço-lhe pão para um honrado pae de familia, dando-lhe o emprego (disse-o) que está vago.

— Esse emprego já está promettido, responlhe seccamente o marquez e calou-se.

— Visto isso, estão liquidadas nossas contas, Sr. marquez de Loulé, a quem fez um profundo cumprimento, e retirou-se, sem nunca mais procural-o, continuando entretanto a ser o confessor d'el-rei, até que este voltou para Portugal, e a morar no mosteiro dos frades de Jerusalem, á rua dos Barbonos, d'onde passou-se, não sei quando, para o Seminario de S. José, onde leccionou Exegetica, Moral e Grego.

Em principio de 1830, foi acommettido d'uma febre perniciosa, de que succumbio na manhã do 7.° dia.

Não houve um só seminarista que não quizesse fazer-lhe quarto, ainda que fosse por alguns minutos; mas, só o meu companheiro Manoel de Brito Coutinho e eu, encarregados pelos facultativos de dar-lhe os medicamentos prescriptos, velámos á sua cabeceira, e cumprimos o triste dever de fechar-lhe os olhos.

Durante esses sete dias, todos os nossos companheiros passáram as noites estendidos por sobre o pavimento do longo e escuro dormitorio inferior, e rompêram em pranto, quando o Brito, abrindo a porta da cella mortuaria, disse, com voz entrecortada de soluços: — *Está com Deus!*

No dia seguinte, depois da missa de corpo presente, dita pelo reitor, e com autorisação d'este, conduzimos, à mão, o ataúde até a ladeira de Santo Antonio, acompanhados de centos de pessoas de ambos os sexos, pela mór parte pobres, que, chorando, o cobriram de flôres. Ali encontrámos toda a communidade, com tochas accêsas, e formando alas, por entre as quaes

subimos com o corpo, até depositàl-o no seu jazigo, já aberto no claustro d'aquelle convento.

De volta ao seminario, inteirado o reitor do resultado da nossa missão, disse-nos soluçando: *Fizeram o seu dever; mas resta-nos outro mais sagrado a cumprir: vamos para a capella rezar por elle, que está no céo, pedindo a Deus por nós!*

Desde esse momento, tomámos pesado luto, e os nossos compendios foram substituidos por breviarios até o dia das exequias, celebradas em presença do bispo com todo o cabido, e cuja oração, recitada pelo nosso eloquente companheiro, o subdiacono João Luiz da Fraga Loureiro, por vezes, arrancou lagrimas do auditorio que enchia completamente a igreja do Seminario Episcopal de S. José.

*
* *

Era dia feriado, e tinhamos permissão do reitor para sahir. Como de costume, comecei por subir a ladeira até ao n. 7, que era o da pequena casa da residencia do meu amigo Estevam, ca-

sado com uma senhora pobrissima, soffrendo, quasi diariamente, de ataques epilepticos, e com uma filhinha, de quem, por convite de seu pae, tive a honra de ser padrinho de baptismo.

Dispondo apenas de limitadissimos honorarios de mestre de cantochão do Seminario, dos tres conventos do Carmo, de Santo Antonio, S. Bento, e de capellão cantor da Capella Imperial, e incapaz de aceitar o menor auxilio pecuniario de quem quer que fosse, faça-se idéa do seu triste viver.

— Seu compadre, disse-me a dona da casa, ainda está deitado, com dôr de cabeça, por ter trabalhado toda noite, á luz da nossa candeia de azeite de peixe, que elle compra do mais ruim, por ser mais barato : mas, elle ouviu o seu signal do costume e já vem: entre compadre, e abanque-se.

Palavras não erão ditas, quando appareceu elle, pallido, com as palpebras inflammadas, e disse:

— Que remedio, senão satisfazer o nosso amigo Evaristo? (1) Recolhi-me tarde, depois da obri-

---

(1) Deu-lhe boa paga... mas, são contos longos. E eu que, tempos depois orgulhava-me tanto de corresponder-me com elle, como 1º secretario do conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional de Valença !

gação dos conventos, e passei o resto da noite, escrevendo um longo artigo de empenho para a sua *Aurora Fluminense*; mas já o esperava com este requerimento, pedindo o logar vago de... continuo da Camara dos Deputados; poderá obter-m'o?

— Continuo! Pois não sabe que os continuos servem até cópos d'agua aos deputados?

— Sei meu amigo; mas você é que não sabe, e permitta Deus que nunca saiba, o que é a fome...

E um mal reprimido soluço embargou-lhe o dizer.

Corri á rua das Mangueiras, onde morava e morou sempre meu tio, o marquez de Baependy, que, felizmente estava em casa, e entreguei-lhe o requerimento. Tambem elle não perdeu tempo em dirigir-se ao campo de Sant'Anna, onde morava o seu collega, no conselho d'estado, Estevam Ribeiro de Rezende, ministro do imperio, mais tarde, conde e marquez de Valença.

Depois de lêr o requerimento, disse elle a meu tio:

— Vieste tarde; porque já está preenchido o logar pedido pelo teu afilhado; mas, está vago

um de 1.º official da secretaria da camara; estará elle habilitado para exercel-o convenientemente?

— Mais habilitado do que quantos ali estão, sem excepção do velho chefe d'aquella repartição.

Era noite quando chegou meu tio. Referiu-me o que fica dito, e entregou-me um papel, dizendo-me:

— Leva este presente ao teu mestre e amigo.

Esse papel era um decreto, e não sei dizer com quanta gratidão beijei-lhe a mão. Era tarde para recolher-me ao seminario, cuja portaria devia, ha muito, estar fechada; mas ás primeiras badaladas matinaes do sino da vizinha egreja da Lapa e do convento das freiras de Santa Thereza, fui, ás vinte, tirar da cama o nosso mestre de cantochão.

— Já sei que acordei tarde: está preenchido o logar de. . .

— Sim; mas, não estava este, respondi, mal respirando de cançaso, e entregando-lhe o decreto.

Póde-se imaginar, mas não exprimir o prazer com que nos abraçámos.

Algum tempo depois, era elle promovido a official maior com o titulo de conselho, por ter sido aposentado o seu antecessor. Infelizmente estavam contados os dias de sua existencia: no mesmo anno, foi victima de uma febre perniciosa, e, depois, sua viuva e filha, herdeira da horrorosa enfermidade de sua mãe.

Todo meu desejo era formar-me em direito, e estava prompto para seguir para S. Paulo, com o meu companheiro de cubiculo Josino do Nascimento e outros, quando tive ordem de meu pae, para recolher-me á fazenda, afim de coadjuval-o nos seus trabalhos da lavoura. Não sei se fez bem ou mal; o que posso asseverar é que essa ordem, a que força foi submetter-me, contrariou-me extranhavelmente.

Mas, parece que elle adivinhava, porque uma hyperthrophia do coração zombára da pericia dos principaes especialistas da côrte — Conselheiro Meirelles, Thomaz Gomes dos Santos, Paula Candido, Manoel Feliciano, Valladão e outros, e falleceu nos meus braços e nos de minha extremosa mãe, na fazenda de S. Matheus, a 10 de Janeiro de 1839, quatro dias depois de ter ali chegado da côrte, acompanhado de todos nós, e

havia apenas dous mezes e 10 dias que estava eu casado com a digna filha da respeitavel Sra. condessa de Itapagipe.

Desde logo, arrastado por amigos, mais ou menos interessados, fiz a asneira de entregar-me de corpo e alma, á politica da nossa provincia, onde exerci quasi todos os cargos de eleição popular, e alguns de nomeação do governo, como os de eleitor, vereador da camara municipal de Barbacena, promotor dos conselhos de disciplina, capitão de companhia da Guarda Nacional, tenente-coronel de batalhões, coronel de legião, commandante superior interino, durante os calamitosos dias da rebellião de 1842, que muitos sacrificios custou aos meus interesses e á minha saude, deputado provincial, sempre reeleito, e geral, como supplente de Theophilo Benedicto Ottoni.

Bem direi sempre a camara dos deputados, porque, ali, onde eu cria encontrar a nata da nação, vi tanta cousa..., que de lá sahi curado da doença politica, e tão radicalmente curado, que, agradecendo as amaveis promessas de uma senatoria, feitas pelas principaes influencias de nossos correligionarios, que estavam em maioria,

e cujos nomes nunca esquecerei, mudei-me, em 1848, da provincia do meu nascimento para a minha fazenda, na do Rio de Janeiro, onde, em Fevereiro d'esse mesmo anno, tive a honra de hospedar o imperador, seis dias.

Mas, é tempo de voltarmos ao venerando aio do mesmo augusto senhor, a quem, pela primeira vez, em Maio d'esse anno, encontrei no paço de S. Christovam, quando fazia ali a minha primeira semana de veador. Estava elle assentado defronte de sua magestade, que lhe ouvia sua quotidiana lição de mathematicas. Quando ali, a chamado do imperador, com quem já tinha estado pela manhã, acompanhando-o pela quinta até a ponte da saudade, onde, assentados em um banco de pedra, passámos cêrca de uma hora, repetindo de cór as metamorphoses de Ovidio.

Apenas viu-me, levantou-se S. Ex. Rvma. e abraçou-me, depois de lhe ter eu beijado o annel.

— Conhece o Nicoláo, Sr. Bispo? perguntou-lhe o imperador.

— Como não hei de conhecel-o, se fui seu mestre?

— Mestre de que?

— De geometria.

— E que tal foi elle?

— Bem *ruimsinho*, a principio; porém depois tomou gosto pela materia, e foi um dos meus melhores discipulos, e com a prenda que eu mais aprecio.

— Que prenda?

— Do desenho, eu conservo uma paizagem, por elle feita á minha vista.

Concluida a lição o imperador tomou-me o braço, e seguimos para uma varanda provisoria, guarnecida de quadros de familia, onde disse-me, depois de alguns minutos de meditação:

— O que acabo de ouvir do Sr. Bispo, e de que o Sr. nunca fallou-me, dão-lhe mais um titulo á minha estima e confiança. Sabe quanto elle tem sido calumniado?

— Até alcunhado de *Fr. Malagrida*.

— Pois bem, assevero-lhe que nunca me pediu cousa alguma, sabendo que eu nada lhe negaria do que de mim dependesse.

Desde esse dia, estabeleceu-se a intimidade com que distinguiu-me sempre o Sr. D. Pedro 2.°.

Mas, não é que já me ia esquecendo do meu padre mestre Fr. Thomaz de Aquino de Lacerda?

Jubilado, logo depois do 7 de Abril de 1831, e amedrontado como todos os seus conterraneos,

pela intolerancia politica d'essa épocha, deu ás de Villa-Diogo para Lisboa, d'onde, tempos depois escreveu-me dizendo que, velho, doente e pobre, desejava vir terminar os seus dias ao pé de mim; mas, que faltavam-lhe meios para as despezas da viagem; e declarou-os.

Remetti-lhe immediatamente esses meios. Cêrca de 4 mezes depois, estando eu fóra da côrte, desembarcou elle no Rio de Janeiro, d'onde escreveu-me de novo, dizendo que, por conselho dos medicos, devia seguir sem demora para o Rio Grande do Sul, para onde ia partir, e d'onde logo depois, communicou-me que, tendo de ser creada a Sé d'aquelle novo bispado, muito lhe convinha, ainda que fosse a ultima cadeira do respectivo canonicato.

— Que melhor occasião! disse elle, agora que é presidente do conselho e ministro do imperio o meu discipulo marquez de Montalegre? (1)

---

(1) Ou ministros como Montalegre, Euzebio, Manoel Felizardo, Octavio Nebias, Nabuco, Maciel Monteiro, Sebastião do Rego Barros e outros d'esse tempo, sempre os mesmos para com os seus amigos, quer estivessem no poder, quer não, ou esses, de recente data, que por ahi andam com ares de quem tem o rei na barriga.

Da rua da Lapa n. 79, onde eu residia, dirigi-me logo á do Flamengo, onde morava aquelle meu respeitavel amigo.

Entreguei-lhe a carta, leu-a, riu-se muito, quando lhe referi as palavras com que elle nos estimulava para o imitarmos, e disse:

— Meu amigo, responda, asseverando ao nosso velho padre mestre que póde contar com a 1.ª cadeira de conego da nova Sé. E se bem o disse, melhor o fez, porque dias depois, foi-lhe remettido por meu intermedio, o respectivo decreto. Infelizmente pouco tempo gozou da desejada prebenda; estavam contados os dias de sua laboriosa existencia, como d'ali communicou-me um amigo, que tambem foi seu discipulo.

Quanto a José de Rezende Costa e ao padre Manoel Rodrigues, unicos que sobreviveram aos degradados da capitania de Minas, e que para ali voltaram, passo a referir o que ouvi de meu tio o Sr. marquez de Baependy, em um longa conversação que tivemos, na sua residencia da rua das Mangueiras.

— Sabes quanto o Brazil deve, especialmente a provincia de Minas, a Dom Rodrigo de Souza Coutinho, 1° Conde de Linhares, de saudosa

memoria. Sabes que nasceu elle em Villa-Rica, hoje cidade de Ouro-Preto, quando era capitão-general seu pae Dom Francisco Innocencio de Souza Coutinho e sua mãe, natural d'aquella villa, filha legitima do rico capitalista portuguez Mathias Barboza da Silva, e de sua mulher, natural da mesma localidade.

Sabes que, por morte de Mathias Barbosa, ficou herdeiro de toda sua fortuna seu genro Dom Francisco Innocencio, a quem teu avô materno, coronel Manoel do Valle Amado, confiou, em Lisboa, a grande fortuna que, ainda hoje, tem o nome do seu primeiro possuidor — *Mathias Barboza.*

Sabes quanto protegeu elle a todos os nossos e seus comprovincianos, que o procuravam em Lisboa, e que eram por elle acolhidos, como se fossem seus irmãos ou filhos, especialmente os estudantes pobres, como o meu collega bahiano, marquez de Caravellas, e eu, que fui sempre o seu predilecto (1). O que não sabes é que foi por pedido meu que elle obteve o perdão do nosso

---

(1) Vide biographia do marquez de Baependy, por Justiniano José da Rocha.

José de Rezende e do padre Manoel Rodrigues, que, em 1831, foram meus companheiros na assembléa constituinte. José de Rezende voltou, não só perdoado, como acabo de dizer-te, mas, condecorado com o habito de Christo, e com a nomeação de 2.º escripturario do real erario, tempos depois, elevado a escrivão da meza-grande, com o titulo do conselho, em compensação da perda dos poucos bens, confiscados a seu pae, e que já não existiam.

Ao seu amigo padre Manoel Rodrigues da Costa (1), foram restituidos os seus, constantes da referida fazenda do *Registro Velho*, como bem sabes, e por hoje ponho ponto final, porque tenho mais que fazer.

---

(1) Era tio do Dr. Marcos Antonio de Araujo, visconde de Itajubá, e da Sra. F. Lobo, neta do rico brigadeiro Lobo, e filha do coronel Lobo, unico herdeiro d'aquelle brigadeiro, que falleceu, sendo ainda moço, ficando com toda sua fortuna sua formosa viuva, que, em 1838, conheci no Ouro Preto, por occasião de um baile, dado pelo presidente visconde de Uberaba, ao principe de Joinville, e que, logo depois, vendeu tudo quanto ali possuia de bens immoveis, inclusive o palacio bem conhecido na rua de S. José, onde nasceu seu marido, e mudou-se para a côrte, com suas filhas -Anna, Francisca e Maria, tão bem nascidas, como malfadadas, as alcunhadas *Polhas*.

TERCEIRA PARTE

Cartas do Barão de Nogueira da Gama, Dr. Saldanha da Gama e Frei Francisco do Monte Alverne.

Cópia de quatro autographos e de uma carta de Fr. Francisco do Monte Alverne, offerecidas á Bibliotheca Nacional da côrte pelo conselheiro barão de Nogueira da Gama, em Junho de 1855:

«Illm. e Exm. Sr.

Dr. João de Saldanha da Gama.

Tenho a honra de remetter á V. Ex. as inclusas cartas autographos e uma cópia de Fr. Francisco do Monte Alverne, as quaes destino á Bibliotheca Nacional da côrte, se V. Ex. entender que têm ellas logar nos archivos d'essa repartição a seu cargo.

De parte as expressões de benevolencia com que nos annos de 1831 a 1833 honrou-me tão immerecidamente aquelle meu venerando mestre e amigo, parecem-me todas ellas interessantes pelo seu merito litterario, principalmente a em que elle allude á discussão politica que sustentou pela imprensa com o sabio visconde de Cairú.

Cégo, havia 18 annos, quando foi convidado por sua magestade o imperador para prégar, em 1854, o sermão de S. Pedro de Alcantara, achou-se em grandes difficuldades para satisfazer o desejo do mesmo augusto senhor, como referiu na mencionada carta por cópia, e cuja entrega, que se não realisou por pedido meu, elle me havia confiado.

Sua bôa vontade, porém, para corresponder á confiança de sua magestade, tudo venceu e o sermão foi-lhe ouvido na Capella Imperial, por occasião da respectiva festa, a 19 de Outubro d'aquelle anno.

Sou com muita consideração

De V. Ex.
Att. ven. e criado.
Barão de Nogueira da Gama.»

« Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1855.

Illm. e Exm. Sr.

Que direi a V. Ex. quando tão poucas são as expressões para traduzirem nossos sentimentos,

o que posso dizer é que me desvaneço em apresentar á V. Ex. em nome da Bibliotheca Nacional, vivos protestos de reconhecimento pela delicada e valiosa offerta. Peço desculpa á V. Ex. de ter mandado para o «Jornal» a noticia hoje publicada, sem prévia autorisação de V. Ex. e nutro a convicção de que V. Ex. acolherá as seguranças da perfeita estima e distincta consideração com que sou

De V. Ex.
Att. ven. e cr. mto. obrig.
João de Saldanha da Gama.»

Carta de Fr. Francisco do Monte Alverne dirigida a Sua Magestade o Imperador:

«Senhor, sigo o instincto da magua e d'afflicção. Ouso escrever directamente á V. M. I.: é a expressão mais energica da confiança que deposito na benignidade de V. M. I.

Sei que ninguem se encarregaria da missão dolorosa, cujas consequencias pesam sobre mim. Arrojei-me ao perigo mais temerario; é a phase

mais cruel da minha vida: o que não puderam conseguir as minhas humildes reflexões para demover a V. M. I. do desejo de ouvir-me, na Capella Imperial, á 19 de Outubro, conseguiu-o a impossibilidade. Para cumulo de males, a enfermidade veio ainda aggravar os embaraços com que tenho em vão luctado. Senhor, na firme convicção de que as ovações e os applausos passaram para não voltar mais, fallo a um Principe Illustrado, justo e magnanimo. Elle reconhecerá que eu não arriscaria uma denegação, se uma necessidade de ferro não me tivesse a isso obrigado. Privando-me da vista, cercando-me de difficuldades, Deus collocou-se entre mim e V. M. I.: quiz advertir-me que nada mais tenho a pretender do mundo.

Sei, não receio dizel-o, sei o alcance d'este passo; aprecio bem a perspectiva que vai abrir-se diante de mim; ouço a voz do desprezo, da ironia e do escarneo; é a mesma voz que escutei na solidão, quando, exhausto de forças, e já cégo, não pude continuar os serviços que prestára com tanto ardor e successo. Empreguei na carreira do pulpito 26 annos; 20 foram consumidos na Capella Imperial; 14 foram gastos no ensino

philosophico; servi o Soberano, glorifiquei a Deus; não fui inutil á patria. Senhor, não posso prégar o sermão de S. Pedro de Alcantara: é a solução do problema intrincado que tentei indiscretamente resolver. V. M. I. me perdoará, se o afflijo com esta denegação. Tenho empregado todos os meus esforços para comprazer a V. M. I.; o desengano veio pôr termo ás illusões que me restavam: todo o empenho, toda a tentativa directa e immediata para voltar ao pulpito, que deixei, ha 18 annos, é impossivel; todo o concurso extranho, todo o auxilio externo de que me lisongeava, e com que eu contava, tornou-se illusorio, inefficaz e inutil; a espada de Brenus foi posta na balança do atribulado:

Vœ victis!...

Senhor, é forçoso confessar; sou uma ruina antiga e valiosa; mas não é dado a alguem restabelecel-a e restituil-a ao primeiro estado. V. M. I. cumulando-me de attenções, recompensou completamente o meu passado; estou satisfeito, e até vingado; mas, encetar de novo a carreira, remover tantos tropeços, vencer tantas resistencias; crear inspirações, nutrir enthusiasmo, com uma saude vacillante, sem poder ler

mem escrever, e na isolação em que vivo, é impossivel!

Senhor, custa-me a finalizar: um movimento irresistivel impelle-me para V. M. I.; quizera eu mesmo dizer todas essas cousas... Senhor, estou seguro: não perderei a affeição de V. M I.

Beija as mãos de V. M. I

Seu mais humilde subdito,
Fr. Francisco do Monte Alverne.

Convento de Santo Antonio, 11 de Outubro de 1854. »

O padre-mestre Monte Alverne, que ninguem conheceu melhor do que eu, perdeu o seu latim—instando commigo para que eu me encarregasse de entregar ao Imperador essa carta, por lettra do padre provincial, conhecido por "Sinhazinha", que se achava presente, e que queimou-se, logo que d'ella extrahi a cópia supra; de sorte que o Imperador só teve conhecimento d'essa carta, depois de ouvido o sermão, graças ao frade João Diniz da Silva, seminarista do meu tempo, que, a pedido meu, passou-se para o convento, onde escrevendo o que dictava o venerando cégo, consultando textos, etc., removeu perfeitamente todas as difficuldades, tão prolixamente allegadas na tal carta.

PRIMEIRA CARTA

«Illm. Sr. Nicoláo Antonio Nogueira Valle da Gama.

N'este momento, acabo de receber a sua carta de 4 do corrente. Eu, certamente, carecia d'este testemunho de sua estima, e d'esta prova de uma lembrança, á que julgo ter direito; uma certa anciedade opprime-me algumas vezes por não ter ainda obtido noticias suas. Não é que eu duvidasse do seu coração. Como poderia elle offerecer sombras, sendo tão claro e tão leal? Como poderia receiar por mim, quando os meus direitos á sua amisade acham-se tão bem fundados? Mas eu não podia ser indifferente á esta emoção que a ausencia de uma pessoa, a quem votára a mais pronunciada estima, fazia nascer em minha alma. Hoje é impossivel enfraquecer mesmo esta reminiscencia tão agradavel, que suas brilhantes qualidades, sua docilidade e a delicadeza de seu coração dispertam com tanta vivacidade.

Hoje, é um motivo de orgulho para mim lembrar-me que o contei em o numero dos meus discipulos. Eu pósso fallar assim, porque o senti-

mento vem em apoio de minha convicção. Eu posso expressar-me com toda a expansão de minha alma, porque, nenhum pensamento menos nobre reprime o seu elasterio.

Agora, o estudo, o conhecimento dos homens e das cousas darão ás suas qualidades pessoaes o desenvolvimento que convém á sua nova posição social ; é uma nova região que o seu espirito vae viajar, e se a sabedoria de suas acções corresponder aos solidos principios que dirigem a sua razão, então obterá essa alta sciencia que tantos sabios nunca puderam alcançar.

Eu prosigo n'este curso interminavel d'estudo e de uma applicação que é hoje o mais poderoso elemento da minha vida moral. Na minha edade é verdadeiramente um bem ; mas, emquanto a mim, é uma verdadeira necessidade. Feliz, se communicando a outros uma porção (1) dos conhecimentos que tanto me custuram obter, eu souber que os meus esforços e cuidados em instruil-os não foram infructuosos.

Eu nada mais posso accrescentar para con-

(1) Uma *porção !* e porque não toda, Reverendissimo?

vencel-o da verdade e firmeza dos meus sentimentos. Eu faço os mais ardentes votos por sua prosperidade.

Queira recommendar-me a seu illustre pae, e assegural-o de minha cordialidade por sua pessoa.

Adeus, meu amigo; creia que sou devéras

De V. S.

Amigo e muito constante venerador,

Fr. Francisco do Monte Alverne

Rio, 10 de Janeiro de 1831.»

SEGUNDA CARTA

«Illm. Sr. Nicoláo Antonio Nogueira Valle da Gama.

Rio de Janeiro, 2 de Maio de 1831.

Está quebrado o encanto: restituiu-se-me a falla, o uso dos membros e a minha promptidão em responder as cartas que recebo. Este acontecimento, por o qual suspirava, de ha muito, realizou-se com a impressão do meu discurso de 25 de Março. Incluso lhe remetto esse discurso, como signal de minha constante lembrança e de

minha particular estima por sua pessoa. A fallar a verdade, é bem tardia uma carta, dirigida a 2 de Maio, em resposta á outra de 4 de Fevereiro; apre! São 3 mezes! Veja agora que soffrimentos deviam pezar sobre o meu coração, forçado a deixar de ter noticias directas de sua pessoa, cuja saude e ventura interessam-me perfeitamente. Não se póde calcular a reunião de trabalhos que me têm abafado, principalmente depois que as circumstancias forçáram-me a exercer empregos, cujo exercicio abandonára ha 14 annos, e que exigiam novos esforços da minha parte, afim de justificar uma opinião que se tinha fundado não sei em que. (1)

Os trabalhos do pulpito bastam por si sós para esgotarem todas as minhas forças. As noticias do seu máo estado de saude opprimiram-me sobremaneira, porque amo-o, e muito. Hoje, eu afasto de mim estes sentimentos porque a minha sensibilidade, reprimida por a reflexão, ganha mais energia, quando a razão parece justifical-a. Assim, era impossivel que os seus graves incommodos não me causassem bastante cuidado. Es-

---

(1) Devéras, Reverendissimo?

timo pois, e muito, que sua saude esteja restabelecida; ella é necessaria á sua familia e a um pae digno de um filho, que deve espalhar algumas flores na carreira de sua vida, para compensal-o dos cuidados de sua educação, e de tantos desvelos por sua felicidade.

Eu termino a minha carta pedindo-lhe acredite que o meu coração conserva em toda sua energia os mesmos sentimentos d'estima e particular amisade, de que julgo ter dado algumas provas. Queira recommendar-me, e muito affectuosamente, a seu pae.

De V. S.
Muito ven. e cordial amigo,

Fr. Francisco do Monte Alverne. »

TERCEIRA CARTA

« Illm. Sr. Nicoláo Antonio Nogueira Valle da Gama.

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1832.

Depois de muito tempo, os meus embaraços têm impedido a continuação de minha corres-

pondencia com V. S. Não é que se tenha enfraquecido em alguma cousa a estima e consideração que tenho por sua pessoa; e como poderia eu deixar de apreciar suas qualidades pessoaes e seu merito? mas, V. S. sabe que nem o tempo, nem as minhas forças physicas bastam á multidão de trabalhos que a actividade do meu espirito augmenta e reproduz. N'estas circumstancias sou constrangido a privar-me da communicação das pessoas que prézo, e cuja amisade é um titulo de honra para mim.

Assim, eu me concentro cada vez mais, e, lançando-me fóra do universo, venho a ser quasi indifferente áquelles que eu tinha o mais vivo interesse conservassem lembrança de mim. V. S. renovando sua correspondencia commigo, sahindo fóra do circulo ordinario dos homens, dá um novo apôio ás razões que eu tinha para designar-lhe um logar muito distincto em o meu coração; e afim de não ter a expressão d'esse sentimento uma linguagem banal, ou um cumprimento de calculo, eu esqueço tudo para escrever-lhe, e escrever-lhe com alguma extensão.

Minha vida começa a pezar-me: eu sinto que minhas forças não bastam á minha energia, e

succumbo ao trabalho. Este anno já não li o curso de theologia dogmatica; mas, ainda assim o que tenho a fazer, é sobejo ás minhas forças.

E' em vão que trabalhando um anno, cuido minorar estes trabalhos no anno seguinte; novos trabalhos renascem; o socego desapparece; resta só a esperança; minha vida é o emblema da boceta de Pandora: tudo fugiu; hoje, uma tinta lugubre cobre o horizonte da minha vista, e, ou seja um presentimento ou o resultado do abatimento de minhas forças, parece-me que cêdo abandonarei a companhia dos homens.

O tumulo parece chamar-me a grandes gritos. Todavia, o sentimento de minha estima por sua pessoa conservar-se-á intacto até esse ultimo instante, em que começam outras affeições e sentimentos de diversa natureza. Mas, si a nossa personalidade se compõe de novas reminiscencias, creio que os amigos não serão esquecidos na outra vida; por o menos, eu assim quizera.

Digne-se de acceitar estes sentimentos profundos d'estima por sua pessoa, e de communical-os

igualmente a seu venerando pae, acreditando que encontrarão ambos em mim a retribuição mais franca e cordial de estima, consideração e amizade.

Peço-lhe me recommendar á lembrança do Sr. brigadeiro Francisco Antonio, seu tio, e de sua digna senhora, a Sra. D. Anna.

Adeus, meu caro Sr. Nicoláo; creia que sou

De V. S.
Amigo e muito venerador,

Fr. Francisco do Monte Alverne. »

QUARTA CARTA

« 20 de Setembro de 1833.

Illm. Amigo e Sr.

Sahiu o correio sem que eu respondesse á sua carta de 4 do corrente, como quizera e devêra; uma distracção involuntaria foi a causa; é pois agora que cumpro um dever bem grato para mim. Cada dia, cada hora me revelam novas provas de

sua estima e consideração por mim; cada dia, cada hora o reconheço mais meu amigo e admirador (1). Infelizmente eu não tenho meios de corresponder a tantas provas de amizade e inteteresse por minha pessoa; o estado actual de nossa patria concorre não pouco para isso: uma revolução, inutilmente provocada, talvez não tarde a vir pôr cumulo ás nossas desventuras. Eu não reprovo a resolução que tomou de não dar publicidade á carta que dirigi, por seu intermedio (2), á Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional da villa de Valença, e sua publicação devia necessariamente assestar contra mim os meus gratuitos inimigos; este resultado possivel não escapou á minha previdencia; eu sabia bem quaes deviam ser as consequencias de uma tão pronunciada adhesão á causa de 7 de Abril, na crise em que nos achamos; acostumado porém a explanar francamente os meus sentimentos, incapaz de ceder covarde-

(1) Do seu talento, certamente.

(2) Era eu 1° secretario do conselho da Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional de Valença e um de seus fundadores.

mente á qualquer perigo, curei pouco do resultado de semelhante publicação, e não recusei prestar-lhe o meu consentimento.

A delicadeza dos seus amigos, que tambem reputo meus, quiz subtrahir-me a difficuldades, e roubar-me a dissabores e pezares; eu lhes agradeço seus sentimentos generosos, e contente da justiça que fazem ao meu caracter franco e leal, não ambiciono uma celebridade que elles julgam comprada por mui alto preço. A prudencia é uma virtude, mesmo social, e talvez, na minha posição peculiar, não vem levar muito longe o meu enthusiasmo por a patria e a liberdade.

Infeliz, ou felizmente, como quizerem, eu não calculo em politica, como não calculo em moral; tudo para mim é positivo; tudo são idéas, ou sentimento; talvez ainda seja isto um defeito; mas, é certo que só um caracter generoso póde pronunciar-se nos dias de crise, e expôr-se a perigos reaes, sem esperança de remuneração. Póde ser que raciocine mal; talvez seja orgulho; talvez ainda ignorancia da sciencia do mundo; mas esta theoria, por ventura viciosa, tem sido uma alavanca poderosa em toda a minha vida politica e social, e a fonte inexgotavel das conso-

lações que têm adoçado pezares bem afflictivos. O *Jurista* (1) parece resolvido a dar-me treguas, e acabou elogiando-me. Eu tinha luctado na duvida de responder-lhe, ou não; acho-me forte em razão e leituras; mas, ha tanta gente conspirada em dissuadir-me, que sua unanimidade tem abafado o parecer de uma pessoa, para mim muito respeitavel (2), a qual disse-me que devia responder, ao menos, a parte critica e litteraria de sua correspondencia; mas, os prevenidos se convencerão. Uma polemica litteraria (3) promoverá algum interesse, n'uma época em que só se procura maldizer e atacar a vida privada? O *Jurista* se dará por vencido? Eis o que me conserva na inacção, esperando o primeiro signal que dissipe a minha inercia.

Tornando ao objecto principal d'esta correspondencia, creio escusado advertir que os motivos que determinâram o não publicar-se a minha carta nos periodicos d'essa provincia, devem

(1) Assim assignava o sabio visconde de Cairu' os seus bellos artigos no *Diario do Rio*.
(2) Evaristo Ferreira da Veiga.
(3) Com o Cairu'? estava servido...

tambem embaraçar a sua publicação nos das outras provincias.

Estou estafadissimo! peço-lhe me recommende muito efficazmente a seu respeitavel pae, e quanto á sua pessoa, termino dizendo-lhe que póde contar com o seu fiel e cordial amigo

Fr. Francisco do Monte Alverne.

20 de Setembro de 1833. »

SEGUNDA VIAGEM A EUROPA EM 1861

Estavamos em Fevereiro de 1861, quando, por conselho do meu medico e amigo Dr. V..., parti para a Europa.

Tinha elle escrutado, segundo o seu louvavel costume, tomando pitadas sobre pitadas, mandando-me respirar vezes sem conta, fazendo carêtas e dando suspiros de máo agouro.

— Já não se deu bem com as aguas de Caxambú?

— Como bem sabe, em 1850.

— Pois, meu amigo, siga para lá quanto antes...

— E que diz das da Allemanha?

— Tanto melhor; mas, não ha tempo a perder...

Assim fiz, partindo com minha mulher e nos-

sas duas filhas no primeiro paquete que largou para a Europa.

Graças aos abalos e ás fadigas por que passei, durante os calamitosos dias da rebellião de 1842, tinham-se aggravado os meus antigos incommodos de figado; mas, logo que passámos a Linha, e baixou a temperatura, desapparecêram, como por encanto, todos esses incommodos, e cheguei á Lisboa completamente restabelecido.

As primeiras cartas que de nossos amigos ali recebêmos revelavam tantos cuidados por minha saude, quanto foram as expressões de regosijo das que se seguiram em resposta ás minhas. Foi a nossa santa Imperatriz quem primeiro me disse, no mesmo dia de nossa chegada no Rio de Janeiro:

« Não sabe quanto estimámos a noticia de seu
« restabelecimento; porque o Dr. F... disse que
« duvidava muito da sua chegada á Europa; mas
« que, com toda a certeza, não voltaria..., tão
« adiantada estava a sua hypertrophia de co-
« ração. »

—Logo, minha senhora, parece que o Dr. V... confundio figado com coração.

Muito fez rir á Sua Magestade esta minha resposta

Entrava o mez de Julho de 1861, e 8 mezes eram decorridos da minha segunda estada em Lisboa, quando me decidi a realizar um passeio que, por falta de tempo, tinha ficado em projecto da primeira vez que eu ali estivera em 1855.

Fiz pois, as sete leguas de via-ferrea (unica então existente em Portugal), que vão de Lisboa ao Carregado, atravessando a linha de povoações que bordam a margem oriental do Tejo; ali tomei o carro, que préviamente conctratára n'aquella cidade, e, apregoando pazes, venci as onze e meia leguas entre as Caldas e o Carregado.

Erão 7 1/2 horas da tarde, quando, coberto de pó, eu entrava, na estalagem de um Sr. José Paulo, especie de *fac-totum* d'aquella paragem;

mas, um véo de olvido por sobre essa primeira noite de penitencias.

Visitei no dia seguinte o estabelecimento de banhos do logar, e segui para Alcobaça, que d'ali dista cinco leguas, pouco mais ou menos.

O templo e o colossal mosteiro, erigidos por D. Affonso Henriques em memoria da batalha de Santarém, e por elle doado aos frades Bernardos, de *gloriosa memoria*, correspondem perfeitamente á sua antiguidade, á sua celebridade e ás grandes recordações que se prendem ao seu nome; mas os restos mortaes da formosa D. Ignez de Castro e de seu esposo D. Pedro, que o amor tornou *cruel*, são necessariamente a primeira cousa em que se pensa em Alcobaça.

Em frente um do outro acham-se os dous sarcophagos de marmore branco, de 16 palmos de comprimento, 7 de altura e 5 de largura; são ambos cobertos dos mais delicados arabescos e altos relevos.

As figuras dos dous amantes, de grandeza mais que natural, estão collocadas sobre os seus tumulos, por ordem expressa do mesmo D. Pedro, com os pés de uma contra os da outra.

Affirmáram-me dous velhos guardas do templo

que, ainda por occasião da ultima abertura dos tumulos (não souberam dizer-me em que época), viram elles em perfeito estado os dous cadaveres embalsamados.

Invejando-lhes essa ventura, força foi contentar-me com o exame das duas cópias de pedra.

Tem D. Ignez um vestido franzido, cujas mangas curtas deixam ver dous braços redondos que se cruzam sobre o peito; as mãos são compridas e estreitas, e uma d'ellas tem calçada uma luva sem dedos; o corpo do vestido é justo, e preso por meio de alamares e botões antigos; com uma das mãos pega n'um fio de perolas que lhe cinge o collo, e na outra tem uma luva; mas, como a descortezia dos soldados francezes não poupou nem o nariz d'aquella formosa dama, é impossivel fazer-se uma idéa perfeita de suas feições; o rosto é um tanto cheio, mas não deixa de ter graça; as orelhas estão quasi inteiramente cobertas por um toucado mui justo; mas, uma pequena bôcca e uma covinha na barba dão á sua physionomia de pedra um não sei que de chistoso, e quando se reflecte que o principe D. Pedro, seguramente entendedor na materia, mandou

cinzelár, á sua vista esse mausoléo, é de presumir que, pelo menos, haverá alguma similhança com o original. Tem na cabeça uma corôa real; seis pequenos anjos, dispostos em torno de D. Ignez, protegem sua cabeça, fazem mover thuribulos, e pegam na cauda do seu vestido.

O tumulo é sustentado por seis figuras em fórma de esphinges, das quaes, porém, só duas são de mulher; as outras apresentam rostos de homem com barba ou sem ella. Ao longo do friso alternam-se as armas reaes portuguezas com seis dinheiros da Casa dos Castros.

O sarcophago de D. Pedro é sustentado por seis leões; o seu rosto, severo e barbado, do qual felizmente deixáram intacto o nariz, mostra as mesmas feições nobres e ternas que lhe dão todos os retratos, e, coberto com um longo trajo franzido, com ambas as mãos péga na espada.

As quatro faces de ambos os tumulos são cobertas de pequenos altos relevos, que representam o juizo final, o purgatorio a resurreição e os padecimentos de muitos martyres.

A execução d'estas obras indica de algum modo a infancia da arte; geralmente, poder-se-ha

notar muitos erros n'estes dous monumentos; mas, quem se lembrará de fazer taes observações ali, onde campeam tanta poesia e tanta verdade historica?

Em alguns cantos do jazigo e da igreja achamse tambem as sepulturas dos tres infelizes filhos de D. Ignez, o de D. Urraca, esposa de D. Affonso 2.°, em 1220, e muitos outros de menos importancia que contêm infantes e infantas, fallecidos no 13.° e 14.° seculos; mas, os dous mausoléos, celebres no mundo, tinham de tal sorte absorvido todo o interesse das nossas observações, que aos outros só pudemos prestar ligeira observação, e certo, não profanaremos tanta poesia com a prosaica historia da estalagem, em que ali pernoitámos.

A tres leguas de Alcobaça fica a Batalha. Alcobaça e Batalha são os nomes usualmente pronunciados pelos portuguezes e pelos estrangeiros, quando se trata de uma digressão no interior do paiz, ou quando se falla de suas cousas notaveis. E' pena que entre estes dous pontos capitaes da historia portugueza, medeie tão pouca distancia; porquanto, necessariamente um d'elles deve enfraquecer a impressão do outro.

E' o que acontece, principalmente quando se vem da Batalha. Ao chegar áquelle sitio, não apparece cousa alguma que predisponha o espirito para a impressão que se vae receber; descobre-se no meio do campo, entre miseros casebres, essa mole colossal e magestosa, onde cada passo que se dá, faz retrogradar o pensamento á uma antiguidade de quinhentos annos e apenas se volta as costas ao edificio, e chega-se ao concavo da montanha, nada mais se vê senão um valle extenso, verdejante e silencioso, em cujo extremo opposto existe uma aldêa insignificante; mas, o nome d'essa aldêa acha-se inscripto em todos os livros da historia: chama-se Aljubarrota.

Ali tive em minhas mãos a grande espada, o pesadissimo elmo de D. João 1.º e a carcomida pá de ferro com que a celebre Padeira do logar matou (valha a verdade) sete Castelhanos, na celebrada victoria que os Portuguezes alcançáram sobre os seus vizinhos.

O mosteiro da Batalha, recordação capital e monumento d'essa victoria, acha-se logo ao sahir de um valle comprido e estreito, junto do Lena, um dos confluentes do Liz. D. João 1.º, fundador d'esse grande edificio, obrigára-se a con-

struil-o por um voto que fizera á Mãi de Deus, na manhã do dia da batalha, 14 de Agosto de 1385, e doou o mosteiro aos Dominicos.

Passei uma manhã inteira sob as abobadas d'esse templo que, no seu genero, é certamente uma das edificações mais perfeitas de todos os paizes, e de todos os tempos, e que, na minha humilde opinião, leva vantagem á *Notre-Dame de Paris*, á cathedral de Strasbourg, á de Londres, e a muitos outros templos de estylo gothico, do meu conhecimento.

Encontra o altar-mór repousam o rei D. Duarte, que reinou de 1433 a 1438, e sua esposa D. Leonor de Aragão. Suas figuras, de grandeza mais que natural, estão voltadas para o altar, e por mais uma das muitas barbaridades commettidas pelos soldados francezes, tambem a ambas falta o nariz.

Foi aquelle soberano quem edificou a nave e a abobada do ultimo arco, segundo o plano de seu pae, e tinha concluido essa obra, quando foi arrebatado pela peste. Seu filho e successor D. Affonso 5.°, que reinou de 1438 a 1481, edificou muitas partes do mosteiro.

A grande e aventurosa vida de D. João 2.°

não lhe deu tempo para se occupar com essas cousas; mas, D. Manoel, o Afortunado, seu primo e successor, começou, no 16.° seculo, o mausoléo incompleto, conhecido pelo nome de *capella imperfeita*, a cujos baixos relevos não se póde comparar cousa alguma do que se encontra nos outros paizes. Uma das mais notaveis partes d'este primoroso templo é o mausuléo do fundador que, como o de D. Manoel, fórma um todo independente da igreja.

Contém no centro o tumulo de João 1.°, e o de sua esposa D. Felippa de Lencastre. Em cima, vê-se a figura do rei com uma cóta d'armas, apresentando a mão direita á sua esposa, que descansa junto d'elle.

As armas reaes portuguezas e as insignias da jarreteira estão collocadas do lado da cabeça; entre silvas e em baixos relevos, lê-se o móto do rei *Il me plait bien*, que allude á promptidão com que Moysés obedecia ás ordens do Senhor.

Ao longo d'uma parede jazem, em quatro nichos, os tumulos dos seus filhos mais moços.

D. Henrique o navegador, o grande duque de Vizeu, apresenta-se sobre o seu tumulo com o

rosto descoberto como se fôra para que a sua imagem excitasse, ainda hoje, a emulação dos Portuguezes; no sócco acha-se gravado o móto *Talent de bien faire*. Os seus tres irmãos, D. Fernando, D. João e D. Pedro, repousam sob os seus escudos.

D. Pedro, que reinou, durante a minoridade de D. Affonso 5.°, e succumbio na Alfarrobeira, á 20 de Maio de 1449, combatendo contra seu sobrinho e rei, tem o móto *Désir*. Na sepultura de D. João, lê-se *J'ai bien raison*; e e na de D. Fernando, o infante Santo, que morreu martyr em Marrocos, á 3 de Junho de 1433, acha-se a inscripcção *Le bien me plait*.

Depois de termos visto o templo e seus accessorios, de que acabo de dar succinta idéa, vagueámos ainda muito tempo por sob as arcarias do claustro que constitue o mais primoroso monumento artistico de Portugal, e quiçá do mundo.

Achava-me de tal sorte repleto e fatigado de pasmo e de espectação, de ver e de ouvir, de obras primas e de recordações historicas, que realmente sentia necessidade de respirar o ar

livre do campo, e voltar á vida usual de todos os dias; um esforço tão excessivo confunde e embota o espirito, e, ainda hoje, as minhas reminiscencias da Batalha assemelham-se mais a um sonho do que á realidade.

D'ali parti, ás 2 horas da tarde; ás 3 1/2, cheguei á Leiria que fica a 2 1/2 leguas da Batalha; dei uma corrida de carro pela cidade, e faltou-me tempo para subir ao cume da montanha, onde avultam as pittorescas ruinas do castello que, no tempo dos Suevos, dos Visigodos e dos Mouros, era posição importante, e figurára sob D. Affonso Henrique, por occasião da batalha de Ourique em 1133.

O rio Liz percorre uma bem cultivada planicie que, muitas vezes, foi testemunha de calorosos combates, e foi aquella cidade séde de um Proconsul Romano.

Ali passei a minha terceira noite de viagem, em uma estalagem, como são, em regra, as das estradas de Portugal.

D'ali parti no dia seguinte pelas 4 1/2 horas da manhã, e ás 8 1/2, cheguei á villa do Pombal, que demora a 5 leguas de Leiria; ali visitei a casa onde terminou seus dias o grande marquez

que tira o nome d'aquelle mesquinho logar, como a capella onde jazem os seus restos mortaes, e segui viagem, á uma hora da tarde. A's 5, parei um pouco em Condeixa, onde tomei uma leve refeição e ás 7 cheguei á Coimbra.

Por um feliz acaso, de que só em Coimbra tive noticia, era vespera da festa de Santa Clara, tão popular em Coimbra, como a de Nossa Senhora da Gloria do Rio de Janeiro, e por isso, regorgitavam de hospedes todos os hoteis e estalagens da cidade, excepto o antigo Paço do Conde, entre beccos sombrios, humidos e nauseabundos, para onde me conduziram. Ali deixei a minha pequena bagagem com o meu bom criadinho José, e, para logo, dirigi-me á classica ponte, onde sentado em um dos seus bancos de pedra ouvia as horriveis descomposturas com que as camponezas que, em continuo vaivem por ali passavam, retribuiam as pilherias de um grupo de estudantes da Universidade, junto dos quaes me achava e em companhia dos quaes visitei, mais tarde, como adiante se verá, a cidade, seus arredores e tudo quanto ali existe de mais curioso, especialmente a Universidade, d'onde sahiram, em diversas épocas, tantos brazileiros

que muito se distinguiram no seu paiz, como os Drs. Claudio Manoel da Costa, José Alves Maciel (meu tio avô), os dous Alvarengas, victimas da celebre *inconfidencia* de Minas, sua provincia natal, visconde de Cairú e seu irmão Balthazar da Silva Lisboa, os dous padres Caldas, os marquezes de Santo Amaro, de Inhambupe, de Maricá, de Olinda, de Queluz, de Baependy (1) e e seu irmão Antonio Joaquim Nogueira da Gama, de Montalegre, de Abrantes, de Paranaguá, de Caravellas e de Sapucahy, os viscondes de Caeté, da Cachoeira (1.º d'este titulo), de Uberaba, de S. Leopoldo, de Abaeté, de Barbacena, filho do marquez do mesmo titulo, de Jequitinhonha, os tres irmãos Andradas (José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos), os barões de Itamaracá e do Penedo, os conselheiros Joaquim Ignacio Silveira da Motta, José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, Joaquim Octavio Nebias, Manoel Felizardo, Candido Baptista de Oliveira, Francisco Ramiro de Assis Coelho, os senadores Antonio Gonçalves Gomide, Bernardo Pereira

---

(1) Vide Biographia do Marquez de Baependy, por Justiniano José da Rocha.

de Vasconcellos, os Drs. José Lino Coutinho, Manoel Odorico Mendes, Caetano Lopes de Moura, Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, José Bazilio da Gama e seu irmão, o eloquente orador Rev.^{mo} Dr. Antonio Caetano Villas-Bôas da Gama, vigario da vara de S. João d'El-Rei (primo irmão de meu tio marquez de Baependy), etc., etc.; Mas, voltando aos estudantes, offereci-lhes charutos, e tive a fortuna de lhes cahir em graça, principalmente por lhes ter recitado alguns improvisos de Bocage e outros repentistas d'aquelles tempos, por occasião da referida festa, e dos quaes nem tinham elles noticias, tanto assim que, difficilmente, pude convencel-os de que não tinha sido estudante da Universidade, e de que, pela primeira vez, pisava Coimbra, realizando, como de ha muito desejava, essa visita á prestigiosa Athenas portugueza.

Então, um d'elles, veterano do grupo, fallou-lhes baixinho, e voltando-se para mim, perguntou-me onde estava hospedado, e se trazia de Lisboa alguma carta de recommendação. Tirei as tres que trazia na minha bolsa de viagem, e entreguei-lh'as com um meu cartão de visitas.

Depois de ter elle lido em voz alta o cartão e os endereços das cartas, disse-me: «Pelo que temos observado, V. Ex. veio á Coimbra sómente para ver o que aqui ha de bom e de máo; e pois, não entregue estas cartas a esses *barrigudos* (synonymo de ricaços), os quaes só serviriam para roubar-lhe o tempo com visitas, almoços e jantares em companhia de outros como elles, massando-o com a enfadonha historia dos seus negocios, etc., etc.; disponha, pois, de nós como lhe aprouver, marcando-nos a hora em que devemos ir buscal-o no tal Paço dos Condes, que bem conhecemos, pois deram-se as férias finaes do anno e podemos dispôr de nós.

— Desde ás 7 horas da manhã, ou quando lhes convier, esperal-os-hei com o maior prazer.

— Pois bem, e para começar, tenha a bondade de vir comnosco, fazendo-me a honra de apoiar-se ao meu braço, porque, excepto para nós, morcegos de Coimbra, a noite está como as nossas batinas, tão escura, que a gente não sabe onde pisa.

Cêrca de cem passos do nosso ponto de partida (a ponte), paráram á porta de uma das mais proximas *republicas*; era justamente a d'elles, e

como se tivessem adivinhado, quem sabe? que eu estava fazendo *cruzes na bocca*, serviram-me, em menos de uma hora, um quasi opiparo jantar, com bom vinho, fructas, etc., depois do que, acompanharam-me até á porta do hotel.

No dia seguinte, ás 7 horas da manhã, já dous d'aquelles meus conhecidos batiam á dita porta; estava eu já prompto, e acompanhei-os á *republica* minha conhecida, onde almoçámos, começando depois nossas excursões pelo grande edificio da Universidade e suas dependencias, a saber: as salas das aulas, as dos actos, a via latina, a grande bibliotheca, o jardim zoologico, o botanico e a sala dos capellos, d'onde sahiram, formados em diversas faculdades, tantos brazileiros illustres, como os que ficam ácima declarados, e muitos outros, cujos nomes não me occorrem á memoria, e dos quaes bem poucos ainda vivem, não cabendo mencionar aqui Felisberto Caldeira Brant Pontes (marquez de Barbacena), por ter feito o seu curso de sciencias na então Academia de Marinha de Lisboa, hoje Escola Polytechnica; mas quem não conheceu entre nós os talentos e relevantes serviços d'aquelle illustre brazileiro?

Sempre acompanhado dos estudantes, duas vezes visitei a celebrada *Quinta das lagrymas*, e a *Fonte dos amores*, onde, segundo os poetas e a tradição, foi assassinada D. Ignez de Castro e onde, esculpida em uma lapide, lê-se a estancia dos Luziadas que immortalisára aquella nascente:

"As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando, memorâram,
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrymas choradas transformâram;
O nome lhe puzeram que ainda dura,
Dos amores de Ignez que ali passâram;
Vide que fresca fonte rega as flores,
Que lagrymas são a agua e o nome amores."

Uma bem agradavel sorpreza fizeram-me elles levando-me em uma barca pelo Mondego até á sua fóz na praia da Figueira, e contendo sem que eu o presentisse, uma barraca e tudo quanto era preciso para um almoço campezino, durante o qual, trocáram-se entre nós os mais amistosos brindes, como se já fossemos amigos velhos.

N'aquella praia (da Figueira) existe ainda o castello feudal dos Senhores da Capa Rôta, antepassados de Pedro Maria Xavier de Athaide e

Mello, um dos ultimos maiores despotas que governáram a capitania de Minas, e que mais perseguiram o Dr. Antonio Gonçalves Gomide, nascido no arraial de Cocáes, formado em medicina pela Universidade de Coimbra, como fica dito, e mais tarde, senador da criação do Senado.

De Coimbra tinha elle seguido para Edimburgo, em cuja Universidade matriculou-se, como simples estudante, e fez segundo curso medico, desde o primeiro até o ultimo anno. Não admira pois que d'ali voltasse com as mais honrosas attestações.

Casando-se depois com uma das filhas do respeitavel capitão-mór Felicio Pinto Coelho da Cunha, proximo parente de minha mãe, foi sempre amigo dedicado de nossa familia, e por isso, durante 10 mezes, esteve occulto na fazenda de S. Matheus, pertencente a meu pae, onde nascemos eu e meus irmãos, até que foi proclamada a Independencia pelo então principe regente D. Pedro, o qual remunerou o Dr. Gomide com honras e condecorações, inclusive a Dignataria da imperial ordem do Cruzeiro.

Depois de tudo isso por mim referido aos es-

tudantes, que attentos me ouviam, recitei-lhes alguns epigrammas anonymos que o tal governador recebia, sempre que, cercado de sua côrte, festejava em palacio seus dias natalicios, os de sua esposa, e de outras pessoas de sua familia.

Conhecido era o autor; mas como provar que era elle o Dr. Gomide?

Os estudantes escreveram a lapis, nas suas carteiras, tudo quanto lhes recitei, e voltamos para a cidade.

Bem quizera eu demorar-me mais alguns dias em companhia d'elles; mas, davam-me cuidados minha mulher e nossas duas filhas, que tinham ficado em Lisboa; e pois, na manhã do dia seguinte, para ali parti, despedindo-me d'aquelles meus jovens e generosos amigos, tão saudosos de mim como eu d'elles.

Presos na capital portugueza pelos obsequios e instancias de nossos amigos, só d'ali pude partir com minha mulher, nossa segunda filha, de 6 annos de idade, e seu irmão recem-chegado de suas longas viagens por quasi todos os paizes da Europa, em Outubro de 1862, deixando ali a nossa primeira filha casada com Antonio Maria

de Saldanha Albuquerque e Castro, filho primogenito e herdeiro dos Condes de Penamacôr.

Depois de uma penosa viagem, sempre em lucta com os temporaes e ventos contrarios, chegámos finalmente ao Rio de Janeiro, onde em companhia de nossos parentes e amigos, que nos felicitavam, recebi uma carta dando-me a triste noticia de ter fallecido repentinamente, em um hotel de Barra Mansa, o meu excellente amigo e inseparavel companheiro pela Italia, José Maria do Amaral Vergueiro.

TERCEIRA VIAGEM A' EUROPA EM 1871

ACOMPANHANDO

S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II

Cêrca de 10 annos depois, realizou-se a 1ª viagem do Imperador, em 1871.

E' sabido que Sua Magestade só pedira ao corpo legislativo autorisação para estar fóra do imperio um anno; e pois, quem o conheceu, faça idéa do *fervet opus*, desde que, pela primeira vez, desembarcou em terra estrangeira.

Acompanhando-o por toda a parte, de dia e de noite, como seu camarista e encarregado da trabalhosa tarefa da parte financeira da viagem, desanimei desde logo de tomar notas que, certo, dariam assumpto para um volumoso e interessantissimo itinerario; mas como, se não me sobrava tempo para cuidar de minha mulher e de nossa segunda filha, quanto mais do meu eu?

ma
ici-
nos
ite-
ráos

de
indo
des-

em
meu

o do
nho,
Mal
ador
cor-
nella
s ao
inha
anto
utos
com
sta-

[illegible]
gem [illegible]
E [illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
desanime [illegible]
daram assum [illegible]
[illegible]
sobrava tempo para [illegible]
e de nossa segunda fim [illegible]
meu en[illegible]

Em Lisboa, pouca foi a demora, depois dos 8 dias completos do lazareto, onde aliás não faltáram musicas, danças e visitas (por entre as grades do parlatorio).

Foi assim que o Imperador teve o gosto, tão desejado, de conhecer pessoalmente o seu predilecto cunhado D. Fernando, e que eu, minha mulher e filha, tivemos o prazer de ver a nossa Chiquinha, seu esposo, seus 5 filhos e muitos outros de nossos amigos e conhecidos.

Nos 3 dias passados n'aquella cidade, hotel de Bragança, que roda-viva, meu Deus! D'ali seguimos, estrada de ferro pela Hespanha, percorrendo-se todas as capitaes, cidades, villas e aldêas da velha Europa, andando-se sempre, óra para diante, óra para traz, para a direita e para a esquerda, muitas vezes, para ver cousas que nem um passo mereciam para serem vistas, e, antes que me esqueça, tive, por meus peccados, de subir, pela segunda vez, ao Vesuvio, que o inferno confunda.

Percorreu-se todo o Egypto, desde Alexandria até ao Cairo, novo e velho, a Arabia, Memphis, suas pyramides e antiquissimas sepulturas, atolados até aos joelhos, em montes de arêa move-

diça e abrazadora, sob aquelle infernal clima africano, e imagine-se o que soffremos, principalmente, outra vez pela Suissa, onde passamos uma noite em um hotelzinho, entre o Monte-Cenis e Genebra, com um temperatura de 23 gráos abaixo de zero!

D'ali seguimos para Paris, onde coberto de vesicatorios, penei 31 dias de cama, esperando os medicos que, em um d'esses dias, fosse eu descançar eternamente no *Père-Lachaise*.

Está visto que espicháram-se, como, em 1861, espichou-se no Rio de Janeiro o meu Dr. V...

Finalmente, de volta pelo clima temperado do sul da França, vim sarando pelo caminho, até que chegamos á Nimes, alta noite. Mal tinha amanhecido o dia seguinte, o Imperador sahio commigo, em um carro descoberto, percorrendo todas as ruas, beccos e praças d'aquella cidade dos tempos romanos, e recolhemo-nos ao hotel, onde toda a imperial comitiva já tinha almoçado com todo o vagar e socego, entretanto que o Imperador e eu só tivemos alguns minutos para engulir, de pé, uma chavena de chá com pão e manteiga, porque, á porta do hotel esta-

cionavam de ha muito os carros descobertos, destinados á comitiva, e, a todo instante dizia Sua Magestade:—Vamos, vamos, que não tenho tempo a perder.

Depois de uma corrida pela cidade, apeamo-nos todos á porta principal do grande circo, tão colossal como o Colyseu de Roma. A' frente do numeroso grupo, consideravelmente avultado por centenas de habitantes do logar, campeiava a magestosa figura do Imperador, desenhando aquellas ruinas, e eu escondido em um camarote de ordem inferior, *fumando* por não ter fumado, nem sei quantas horas, mal accendia um charuto, quando elle gritou por mim.

— Aqui estou.

— Venha cá; o Sr. que sabe tanta cousa da nossa terra, ignora de certo um facto que se deu aqui em Nimes, onde estamos, o qual tem muita relação com a historia de nossa patria, especialmente com a da provincia do seu nascimento.

— E' bem possivel.

— Pois ouça, e lance-o no seu canhenho: Conheceu o marquez de Queluz?

Quando Vossa Magestade Imperial conheceu-o

quanto mais eu, que tenho quasi mais 16 annos de idade.

— Pois bem: João Severiano Maciel da Costa (marquez de Queluz) e seus irmãos Theotonio Alves Maciel da Costa e José Alves Maciel da Costa, (Como se lê a historia! disse eu com os meus botões), que, como sabe, eram mineiros, formáram-se em Coimbra; o primeiro, depois de ter exercido em Portugal alguns cargos de magistratura, voltou para o Brazil, e foi o nosso marquez de Queluz; o segundo tambem para ali voltou; mas nunca envolveu-se em politica, e o terceiro, que já tinha todo o pendor para as idéas republicanas, deixou-se por cá ficar: percorreu todos os paizes da Europa que temos visitado, seguiu para os Estados Unidos, cuja independencia tinha sido, pouco antes, proclamada, ali demorou-se algum tempo, e veio fixar sua residencia aqui onde estamos, e onde tambem residia o ministro americano, com quem naturalmente, contrahiu relações de amizade. Foi este irmão do marquez de Queluz que d'aqui escreveu para Minas aos seus condiscipulos e contemporaneos da Universidade de Coimbra—Thomaz Antonio Gonzaga, auctor da *Marilia de Dirceu*, tão nossa

conhecida; os dous Alvarengas, Claudio Manoel da Costa e outros nomeados no processo, aconselhando-os que, a exemplo dos norte-americanos, preparassem as cousas para a independencia de Minas. Sobre o assumpto, trocáram-se algumas cartas, sempre demoradas pelos navios á vela d'aquelle tempo, até que elle, José Alves Maciel, escreveu-lhes a ultima dizendo que aguardassem a sua chegada, para dar-lhes as ultimas instrucções sobre o dia do *baptisado*. Esta carta foi interceptada antes de sua chegada ao Rio de Janeiro, e d'ahi a ponta da meiada, por onde se descobriu o plano da inconfidencia. Que diz?

— Que Vossa Magestade acaba de referir fielmente tudo quanto consta do processo, hoje tão conhecido; mas, que está enganado a respeito d'uma época e da identidade de certos individuos?

— Que época? que individuos?

— Se já existia João Severiano, na época da inconfidencia, seria uma creança; portanto não podia uma creança matricular-se na Universidade de Coimbra; demais, nem era elle irmão dos dous Alves Maciel, nem se quer ha iden-

tidade de nomes entre Alves Maciel e Maciel da Costa.

— Tem razão; mas, de que familia era o marquez de Queluz?

— Não teve familia, respondi baixinho, e fiz-lhe com os olhos um signal que o Imperador entendeu; porque, na presença da Imperatriz, das suas damas — condessa de Barral, D. Josephina e minha mulher, e quando todos os ouvidos da comitiva estavam attentos, eu não podia satisfazer a pergunta. O Imperador deu commigo alguns passos para diante, como para observar de mais perto as ruinas que esboçára, e disse: — Continue.

— O marquez e seu irmão, capitão-mór José Joaquim da Rocha...

— Pois eram irmãos?

— Somente por parte de mãe.

— Mas, quem eram os paes e a mãe?

— Dous Conegos da Sé de Marianna — Maciel da Costa e Rocha, e uma rapariga d'aquella cidade. O 1.° tinha alguma fortuna, e pôde mandar o filho para Coimbra; o 2.° que só tinha a sua mingoada congrua, empregou o seu como escrevente no escriptorio de um rabula seu amigo.

Intelligente, como era, tornou-se logo o braço direito do patrão, o qual mais tarde, vendeu-lhe o estabelecimento, e foi elle um dos mais habeis rabulas e de maior clientela da capitania, até que a seu turno, tambem vendeu-o, e estabeleceu-se no Rio de Janeiro, rua da Cadêa, hoje d'Assembléa, de sociedade com o padre Macambôa, tambem rabula, e muito bem relacionado n'aquella cidade. Apresentou-o este a seus amigos, bem conhecidos de Vossa Magestade —Joaquim Gonçalves Lido, conego Januario da Cunha Barboza, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, mais tarde marquez da Praia-Grande, ao seu 1.° tutor José Bonifacio e outros.

Aproximou-se a época da nossa independencia e estes dignos patriotas o encarregáram de percorrer a provincia de Minas para colher representações de seus municipios pedindo a seu Augusto Pae a independencia. Desempenhou elle satisfactoriamente a missão, por cujo serviço o mesmo Augusto Senhor fêl-o capitão-mór, deu-lhe a grande dignataria da imperial ordem do Cruzeiro, e o logar de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em França, onde morreu não me lembro em que época.

Teve de várias mulheres, pois nunca casou-se, os filhos seguintes, que Vossa Magestade conhece perfeitamente: o Juvencio, nosso digno consul em Paris, Innocencio, conhecido por *Gravata-branca*, uma respeitavel solteirona que vive em companhia do irmão Innocencio, na rua das Mangueiras, esquina do largo da Lapa, Justiniano José da Rocha, empregado do thesouro, e a senhora do conselheiro barão de Pacheco, aio dos principes seus netos.

— Estou satisfeito, e certo de que com o senhor não se póde questionar sobre cousas de Minas.

— Quando voltarmos para o Brazil, terei a honra de offerecer á Vossa Magestade Imperial algumas bem interessantes noticias, tradicionaes de familia, que não constam do processo dos meus parentes, victimas da inconfidencia.

— Que parentes?

— O Dr. José Alves Maciel, irmão de D. Izabel Alves Maciel, mulher do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, que, como aquelle cunhado, morreu no degredo.

— Eram seus parentes?

— Primos irmãos de minha avó, mãe de minha mãe, que Vossa Magestade bem conhece.

— E á quem nunca deixarei de ser grato pela delicadeza com que, em Fevereiro de 1845, hospedou-me em sua fazenda de S. Matheus, principalmente por ter festejado a minha chegada libertando, n'esse mesmo dia, uma familia sua escrava ; pois ninguem melhor do que o senhor conhece quaes foram sempre os meus sentimentos a respeito da escravidão.

Na volta por Hespanha, por Badajoz, Entroncamento, Coimbra, Porto, Braga e seus arredores, houve um dia de falha em Coimbra, onde viu-se, não tudo, mas uma parte do que eu já tinha visto em companhia dos estudantes.

Em Lisboa, qual descanço ! todo tempo foi pouco para passeios, jantares e bailes nos reaes paços, até que, dentro dos 12 mezes, constitucionalmente concedidos, desembarcámos com vida e saude, no arsenal de marinha do Rio de Janeiro.

Logo depois, entreguei ao Imperador as informações promettidas, e que ahi vão resumidamente :

José Xavier da Silva, por antonomasia *Tira-*

dentes, porque, como curioso, tirava-os gratuitamente aos que, para esse fim, a elle se dirigiam, era alferes do regimento de cavallaria de Minas, dispensado dos serviços do quartel pelo tenente-coronel commandante Francisco de Paula Freire de Andrade, que o tinha em sua casa, como mordomo ou cousa que o valha.

Era probo e activo; mas, tão ignorante como indiscreto, nunca foi admittido nas reuniões dos conjurados, feitas semanalmente na residencia do tenente-coronel Gomes Freire, a portas fechadas, e depois de retiradas todas as visitas.

Tira-dentes, esperto, como era, penetrou o objectivo d'essas reuniões secretas, e andava por toda parte, dizendo a todos quantos encontrava: «Vamos ser independentes, republicanos, etc.»

Assim, comprometteu elle o padre Manoel Rodrigues da Costa, um dia que pousou na sua fazenda do Registro-Velho, ao pé de Barbacena, e, do mesmo modo, o capitão-mór das Lages, Rezende, um pobre velho, que nem noticias tinha da projectada revolução, mas que correspondia-se, sobre seus negocios particulares, com o Dr. Claudio Manoel da Costa, que, como é sabido, suicidou-se, enforcando-se em um armario

do seu carcere, e entre cujos papeis foram encontradas as cartas do referido capitão-mór, que serviram de pretexto para que fosse preso e para o degredo, onde morreu, como tantos outros, cujos nomes constam do processo.

Com o capitão-mór Rezende tambem foram degradados seu filho José de Rezende, ainda menor, e em vesperas de partir para a Universidade de Coimbra, e o padre Manoel Rodrigues da Costa, aquelle por não ter denunciado o supposto crime de seu pae, e este por não ter feito outro tanto, contra o seu hospede *Tira-dentes.*

Quando os compromettidos vieram acorrentados de Villa-Rica para os carceres da côrte, precedia-os um official com ordem de mandar aprompta-lhes o pouso nos pontos determinados, de maneira que á proporção que iam chegando, escoltados, e distantes uns dos outros, para se não verem durante a viagem, eram recolhidos, cada um d'elles, em um quarto guardado por sentinellas, onde passavam a noite até a madrugada do dia seguinte, para continuarem a marcha, e sempre com as mesmas cautelas até atravessarem os limites da capitania de Minas com a do Rio de Janeiro.

Quando chegáram a Mathias Barbosa, fazenda de meus avós maternos, coronel Manoel do Valle Amado e sua mulher D. Maria Cordoba de Abreu e Mello, que ainda conheci (tinha eu cêrca de 9 annos de idade), prima-irmã do Dr. José Alves Maciel e de sua irmã D. Izabel, mulher do tenente-coronel Gomes Freire, passáram toda a noite rezando por entre as grades da tribuna da capella, que ainda existe, e para a qual deitavam essas grades.

Ao romper do dia seguinte, começava o movimento da partida, quando Gomes Freire disse com a sua voz forte de commando: «Sr. Coronel Manoel do Valle Amado, do meu carcere, como que presenciei os actos de devoção de sua virtuosa familia; Nossa Senhora da Conceição (padroeira da capella) ha de permittir que eu volte á nossa patria, limpo de toda a culpa e mancha, e então de joelhos, lhes beijarei as mãos.»

Meu avô, idoso, e soffrendo do coração, falleceu pouco tempo depois; minha avó de muito menos edade, mas nervosa, enlouqueceu, e, n'esse estado, viveu ainda alguns annos, e jazem n'aquella capella.

N'esse tempo, eram ainda meninos seus filhos e filhas, sendo minha mãe a mais moça; mas, contava já 17 para 18 annos a irmã mais velha a Sra. D. Lourença Maria de Abreu e Mello, dotada de uma memoria admiravel, e com quem o Imperador muitas vezes conversou na côrte. Foi esta minha respeitavel tia quem referiu-me tudo quanto deixo escripto.

FIM

INDICE

—«»—

PRIMEIRA PARTE — PAGINAS

Primeira viagem á Europa em 1855

1ª Carta. 9

2ª Carta. 31

3ª Carta. 41

4ª Carta. 49

5ª Carta. 61

SEGUNDA PARTE

Recordações da minha vida escolastica . 113

TERCEIRA PARTE

Cartas do barão de Nogueira da Gama, Dr. Saldanha da Gama e Fr. Francisco do Monte Alverne 139

Segunda viagem á Europa em 1861 . . . 159

Terceira viagem á Europa em 1871, acompanhando S. M. I. o Sr. D. Pedro II . 183

EDIÇÕES DA MESMA CASA

DR. AFFONSO CELSO

Vultos e Factos—6º milheiro, 1 vol. broc. 3$000, enc. 5$000.

Minha Filha—5º milheiro, 1 vol. broc. 3$000, enc. 5$000, edição em papel de linho, formato 4º com um lindo retrato do auctor: broc. 10$000 enc. 15$000.

O Imperador no Exilio—5º milheiro, 1 vol. broc. 3$000, edição em papel hollanda com um bello retrato do Sr. D. Pedro II, broc. 5$000 enc. 6$000

Rimas d'outr'ora—1 vol. broc. 3$000, enc. 5$000, edição de luxo em papel de linho, broc. 5$000 enc. 8$000.

Lupe—scenas da vida do Mexico, 1 vol. broc. 3$000 enc. 5$000 (no prelo).

CRUZ E SOUZA

Missal—artistico livro de contos, 1 vol. broc. 3$000 enc. 4$000.

Broqueis—delicioso livro de versos, 1 vol. broc. 3$000.

E. ZOLA.

Doutor Pascal—versão brasileira de C. de Albuquerque, 2 vol. broc. 5$000 enc. 7$000.

Os Mysterios de Marselha—versão brasileira de C. de Albuquerque, 2 vol. broc. 5$000 enc. 7$000 (no prelo).

ADOLPHO CAMINHA

A Normalista—grandioso romance naturalista 1 vol. broc. com capa illustrada 3$000, enc. 5$000

No Paiz dos Yankees—viagem a bordo do *Almirante Barroso*, 1 vol. broc. 3$000 enc. 5$000 (no prelo).

HEITOR MALHEIROS

O Encilhamento—scenas escandalosas da Bolsa, de 1890 a 1892, 2 vol. broc. 6$000 enc. 8$000, (no prelo).

ALUIZIO AZEVEDO

Livro de uma Sogra—1 vol. broc. 3$000 enc. 5$000.

Casa de Pensão—2 vol. broc. 6$000, enc. 8$000, (no prelo).

DELIA

Celeste—scenas da vida fluminense, 1 vol. broc. 3$000, enc. 4$000.

PAPUS E BORJA REIS

A Buena Dicha—sciencias occultas, prefaciada por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. cartonado e illustrado com 23 gravuras 3$000.

LUIZ ROSA

Imagens e Visões—mimoso livro de versos 1 vol. broc. 3$000.

VIRGILIO VARZEA

Rose Castle—mimoso romance, 1 vol. broc. 2$000.

DR. F. FAJARDO

Manual do Hypnotismo—1 vol. illustrado com 10 magnificas gravuras, broc. 6$000, enc. 8$000, edição de luxo formato 4º com o retrato do autcor 15$000, (no prelo).

FONTOURA XAVIER

Estrophes—primoroso livro de versos, 1 vol. 3$000, (no prelo).

*PB-31051-SB
5-03
CC
B/T

[illegible]

CT 688 .G27
Minhas memorias.
Stanford University Libraries
3 6105 041 342 150

CT
688
G27

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.

JAN 26 1981
OCT 20 1981